

**FACULDADES EST**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

**JOÃO MARQUES FERREIRA**

**UMA BREVE ANÁLISE DO CONSUMISMO:  
INFLUÊNCIAS E CONSEQUÊNCIAS NA SOCIEDADE**

São Leopoldo

2017

JOÃO MARQUES FERREIRA

UMA BREVE ANÁLISE DO CONSUMISMO:  
INFLUÊNCIAS E CONSEQUÊNCIAS NA SOCIEDADE

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Linha de pesquisa: Ética e Gestão

Orientador: Rudolf von Sinner

São Leopoldo

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F385u Ferreira, João Marques  
Uma breve análise do consumismo: Influências e  
consequências na sociedade / João Marques Ferreira;  
orientador Rudolf von Sinner. – São Leopoldo : EST/PPG,  
2018.  
68 p. : il. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa  
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,  
2018.

1. Consumismo. 2. Capitalismo. 3. Mídia. I. Sinner,  
Rudolf Eduard von, 1967. II. Título.

JOÃO MARQUES FERREIRA

UMA BREVE ANÁLISE DO CONSUMISMO:  
INFLUÊNCIAS E CONSEQUÊNCIAS NA SOCIEDADE

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Linha de pesquisa: Ética e Gestão

Data:

---

Rudolf von Sinner – Doutor em Teologia – Faculdades EST

---

Dusan Schreiber – Doutor em Administração – Faculdades EST



## RESUMO

A sociedade atual se caracteriza por aspectos sucessivos no que se refere a mudanças de comportamento, afetado diretamente por uma cultura midiática que altera drasticamente a forma de viver e de se relacionar. As últimas décadas foram decisivas para que ela chegasse ao atual modelo, com a quebra de paradigmas nos formatos de conservadorismo cultural em diferentes formas até então, existentes. Com o advento e a implantação de modelos econômicos, formas de consumo, novas tecnologias da informação o planeta dominado pela globalização desconstruiu o velho e implantou o novo. Estas influências contribuíram drasticamente para que as pessoas na sociedade atrelasse a sua visão ao um foco voltado para o poder e a posse. Desde então, o homem atual se tornou apressado, aprisionado a agendas lotadas e cheio de expectativas para as quais se desdobra para conquista-lás. O consumo é uma das muitas mudanças que a sociedade atual experimentou como um fenômeno de massa globalizada. Por trás do viés econômico que fomenta as diferentes formas de crescimento globalizado está a ganância dos que fomentam o capital e o lucro. O essencial é o principal contraponto a esse fenômeno consumista e de dependência física e psíquica para uma massa descontrolada diante da estimulação sem escrúpulos voltado para o consumo. A proposta central do essencial tem seu fundamento na estrutura principal do contentamento. O modelo tecnológico a serviço do capital, criou a cultura do descartável e do defasado para estimular um ciclo vicioso no indivíduo. Este fenômeno tem suas consequências sociais graves. O consumo sem critério e motivado por ondas de calor de uma emoção sem disciplina tem aumentado globalmente um Estado falido por conta de dívidas impagáveis, bem como um elevado índice de pessoas endividadas e com a estrutura econômica do lar refém de juros abusivos e de agiotas de ocasião. Uma das piores consequências do consumo sem controle é o aumento do fenômeno do gueto. Cada vez mais a cultura do consumo empurra os indivíduos para o submundo dos imprestáveis, dos que não podem financiar a ganância dos aglomerados financeiros em nossa sociedade. A pesquisa versa sobre as influências midiáticas, formadoras de consumo. Destacar e refletir nesse monstro consumidor das economias básicas em poder de famílias assalariadas em nossa sociedade. Ao pontuar a essencialidade o objetivo não tem por objetivo restringir o consumo necessário, mas o tipo que alimenta o esbanjamento e a vaidade humana.

**Palavras-chave:** Consumismo. Sociedade. Sistema Capitalista. Subproduto da sociedade de consumo. Mecanismos midiáticos.



## ABSTRACT

Current society is characterized by successive aspects related to changes in behavior, directly affected by a mediatic culture which drastically alters the way of life and of relating with each other. The last decades were decisive for it to arrive at the current model, with the break in paradigms in the formats of cultural conservatism in the, up to then, existing forms. With the advent and implantation of economic models, forms of consumption, new information technologies the planet, dominated by globalization, deconstructed the old and implanted the new. These influences contributed drastically to the fact that people in society latch their vision on the focus toward power and possession. Since then, the current human being has become rushed, bound to full agendas and full of expectations to which he or she bows to conquer them. Consumption is one of the many changes which current society has experienced as a phenomenon of the globalized mass. Behind the economical side which foments the different forms of globalized growth is the greed of those who foment the capital and profits. The essential is the main counterpoint against this consumerist phenomenon and the physical and psychic dependence of an uncontrolled mass faced with the stimulation without scruples aimed at consumption. The central proposal of the essential has its base in the main structure of contentment. The technological model at the service of the capital created the culture of disposables and obsolescence to stimulate a vicious cycle in the individual. This phenomenon has its serious social consequences. Consumption without criteria and motivated by waves of the heat of emotion without discipline has globally increased a broken State caused by unpayable debts as well as an elevated index of indebted people and the home economic structure hostage to abusive interests and moneylenders. One of the worst consequences of out of control consumption is the increase in the phenomenon of the ghetto. The consumption culture increasingly pushes individuals to the underworld of the worthless, of those who can't finance the greed of the financial conglomerates in our society. The research talks of the mediatic influences which form consumption. It highlights and reflects on this consumer monster of the basic economies of the salaried families in our society. Upon pointing out essentiality the goal is not to restrain the necessary consumption, but the type which feeds human excess and vanity.

**Keywords:** Consumerism. Society. Capitalist Society. Sub-product of the consumer society. Mediatic Mechanisms.





## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>1 ANÁLISE DO VIÉS E INFLUÊNCIA NA CULTURA DO CONSUMO</b> .....	13
1.1 Subjetivismo global.....	13
1.2 Subjetivismo do consumo .....	16
1.3 Rupturas e descontinuidades .....	19
1.4 Alienação pessoal diante do consumo .....	23
<b>2 ESSENCIALISMO: O CONTRAPONTO AO DESAFIO CONSUMISTA</b> .....	33
<b>2.2 Fundamentos do essencial</b> .....	38
2.2.1 <i>A desimportância dos excessos</i> .....	38
2.2.2 <i>Tomada de consciência</i> .....	41
2.2.2.1 Excesso de opções .....	41
2.2.2.2 Excesso de assédio midiático .....	43
2.2.2.3 A ideologia da posse e poder .....	46
<b>2.3 O que é essencial</b> .....	47
2.3.1 <i>Enxergar o panorama em sua amplitude</i> .....	48
2.3.2 <i>Manter o foco</i> .....	49
<b>2.4 Principais desafios do essencialismo</b> .....	51
2.4.1 <i>Produzir mais com ênfase na qualidade</i> .....	51
2.4.2 <i>Remover mais</i> .....	52
<b>3 EFEITOS COLATERAIS DO CONSUMISMO</b> .....	55
<b>3.1 Danos colaterais</b> .....	55
3.1.1 <i>A comodificação total do ser humano</i> .....	57
3.1.2 <i>A sub-classe: o resíduo do consumismo moderno</i> .....	59
3.1.3 <i>O desemparelhamento e o desempoderamento repressivo</i> .....	61
3.1.4 <i>A anormalidade que normaliza a pobreza</i> .....	62
<b>CONCLUSÃO</b> .....	65
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	67



## INTRODUÇÃO

Vivemos numa década profundamente bombardeada pelo fenômeno mundial do consumismo. Este aspecto gerenciado por setores dominantes do mercado de produtos de consumo que se digladiam diuturnamente na mente da população através dos mecanismos midiáticos, tendo como finalidade básica a lucratividade em função do sistema capitalista e globalizado.

Em meio a esse fogo cruzado estão indivíduos que se polarizam em dois grupos equidistantes, multifacetados, pluralista e diverso em todos os aspectos externos no estabelecimento das relações sociais. Todo este quadro absurdamente desigual é financiado por interesses que evidenciam propositalmente conduzir estes indivíduos a rumos diferentes.

A presente pesquisa de forma muito delimitada e sucinta propõe estabelecer uma breve reflexão embasada em duas premissas básicas com as quais a presente proposta pretende fundamentar as bases desse projeto, lembrando que os autores separados oferecem um subsídio oportuno no tocante a presente pesquisa proposta. As duas premissas é uma exposição entre o consumo e a cultura da busca indisciplinada por mais e o contraponto do essencialismo com sua ênfase no essencial.

A primeira seção da pesquisa tem como objetivo mostrar como a cultura do consumismo influencia a mente humana, de forma que este indivíduo esteja submetido ao consumo e aos interesses de um sistema econômico voltado para a lucratividade. Na realidade o sistema mostra que o capital especulativo não tem propostas sociais, ou qualquer interesse voltado para contribuir com as muitas necessidades e vocações da sociedade.

Vale lembrar que este sistema utiliza o que há de mais moderno em tecnologia, manipulados por especialistas treinados para corromper o inconsciente coletivo para que estes vivam para o esteriótipo e o prazer. Para tanto, eles invadem sem escrúpulos os espaços com propagandas sofisticadas para que a massificação de produtos esteja na cabeça das pessoas na hora de consumir.

Este sistema ditatorial estabelece a ditadura do modismo que invadiu todos os setores da vida humana. Esta ditadura é tão escancarada que de A a Z, a

população não está mais com a posse do poder para poder escolher, mas o que o poder capitalista oferece como regra.

A segunda seção apresenta o conteúdo do essencialismo como um contraponto a este quadro de desmedido consumismo. Seus principais fundamentos são construídos levando em consideração o poder da escolha, a capacidade para separar o aspecto do “tudo do essencial”, a base daquilo que é essencial, prezando pela eficiência em relação aquilo que é essencial para ser administrado.

Vale destacar que o essencialismo não é uma ideia isolada do crescimento e da produtividade, ao contrário tudo isso está atrelado, com exceção de tudo aquilo que absurdamente desnecessário ao nosso cotidiano.

A terceira seção da pesquisa trabalha as consequências do consumismo em termos de efeitos colaterais. Esta seção da pesquisa destaca a guetização em ritmo acelerado, caminhando lado a lado, numa contínua e interminável confrontação social. Por um lado estão os que formaram suas comunidades de segurança, poder econômico e de alienação. Do outro estão os marginalizados e sacrificados que se organizam em guetos de plágio e agitações.

Como subproduto da sociedade de consumo há uma subclasse que não interessa ao poder econômico porque são os mutilados, os andarilhos e os desafortunados que engrossam as estatísticas nas ruas das cidades. Estes são o subproduto, classe dos indesejáveis socialmente falando; o lixo que eles não sabem como incinerar.

A pesquisa apresenta estas três seções para destacar o perigoso caminho do consumo sem controle e sem consciência. Não há aqui nenhuma tentativa de apologia a este ou aquele sistema, o que há é o interesse de proporcionar uma reflexão entre os extremos que construa o caminho do equilíbrio e sensatez.

# 1 ANÁLISE DO VIÉS E INFLUÊNCIA NA CULTURA DO CONSUMO

## 1.1 Subjetivismo global

Desde a formação do império romano até a pós-modernidade, a ênfase dos poderes totalitários sempre esteve associado a hegemonia política e de dominação em todas as suas formas. De fato estas forças dominadoras fizeram uso de mecanismos no passado usando a força do poderio militar, a serviço da implantação de seus desígnios de expansão territorial e da exploração econômica de outros povos. No passado era usada a força, a regra era imposta de forma ditatorial, mas essa modalidade foi substituída por um modelo similar, mas com um formato virtual de massificação e imposição de sua política de expansão e de dominação econômica. Bauman alerta para o fato de que o atual modelo global não é senão um artifício imperialista para fundir o mundo em torno de seus interesses macro-econômicos. Ele escreveu:

Globalidade, ao contrário disso, significa apenas que todo mundo em todos os lugares pode se alimentar de hambúrgueres do McDonald's e assistir aos últimos docudramas feitos para a TV. A universalidade foi um projeto soberbo, uma missão hercúlea a executar. A globalidade, em contraste, é uma aceitação dócil do que está acontecendo lá fora, uma admissão sempre marcada pela amargura da capitulação, mesmo que adoçada com uma autoexortação consoladora do tipo "se você não pode vencê-los, junte-se a eles".<sup>1</sup>

O poder opressivo sempre se instala na desorganização e no caos existente. O império romano fez uso de seu poder para impor sua força entre os povos que apresentavam instabilidade política e econômica, agia com oportunismo para tirar vantagens em sua época. Bauman afirma que a pós-modernidade significa para ele "desmantelamento", "divisão e desregulamento", dos órgãos que deveriam ter assumido o controle e puxado os seres humanos para o seu estado ideal. Para uma racionalidade perfeita.

Os autores Miguez, Rieger e Sung partilham da mesma ideia de que o império surge da debilidade dos poderes representados.<sup>2</sup> Quando estas forças se encontram desequilibrados, em descompasso, facilmente se tornam filhos da

---

<sup>1</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna*. Trad. Alexandre Vieira Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 39.

<sup>2</sup> MIGUEZ, Nestor; RIEGER, Joerg; SUNG, Jung Mo. *Para além do espírito do império*. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 22.

desmesura. Os poderes políticos não conseguem enfrentar as pressões e encontram saídas para contrariar os interesses contrários em oposição. A sociedade fica refém dos poderes invasores que invadem o seu espaço, vendem os seus produtos, tecnologias e ainda exploram a mão de obra barata de sua população. Segundo os autores a intenção é clara:

Como no Panteão romano, cabe a diversidade dos deuses provenientes da variedade de culturas e religiões, sempre e quando reconheçam as pautas impostas pelo império. Talvez o pátio de comidas do Shopping Mall proporcione a metáfora ilustrativa: ali se encontrarão as variedades que oferecem todas as culturas, desde comida tailandesa à pizza italiana, arroz chinês, chucrute alemão ou tacos mexicanos, carne argentina ou sushi japonês. Até os desconfiados árabes podem oferecer seu kebab, junto ao muito norte-americano hambúrguer.<sup>3</sup>

A casa de consumo deve ser tão espaçosa que comporte todos os interesses globalizados. A população serve aos interesses corporativos de estrangeiros que estão instalados no espaço territorial em nome do progresso, Na realidade o objetivo concreto é massificar e globalizar as suas marcas. Consolidar mercados com custos baixos de produção e incentivos fiscais do poder público. Citando Lyotard em seus comentários, Bauman explica que a humanidade está dividida em dois grandes grupos. Um enfrenta, segundo ele, o desafio da complexidade, enquanto o outro o terrível desafio da sobrevivência. Para o autor esse deve ser o ponto principal da questão e do fracasso do projeto moderno. Abismo que se abriu em função dessas invasões, guerras, totalitarismo e muito mais.

A sociedade é constituída em sua totalidade por indivíduos que em conjunto forma o extrato social que apresenta níveis de desigualdade, em vários e complexos níveis, seja econômico, cultural ou social, da base ao topo em sua forma tradicional de pirâmide. Os indivíduos contidos e listados neste conjunto social são despertados e instados a observar aspectos externos, constituídos por estereótipos ou por acúmulo de bens materiais por análises e comparações, criando assim o distanciamento e a formação das camadas sociais que os diferenciam na sociedade como um todo. Este aspecto é o agente divisor de águas que estimula o cidadão a lutar por um nivelamento de posse e de poder. Bauman qualifica este aspecto cultural na vida do homem moderno na sociedade como uma vítima em potencial de

---

<sup>3</sup> MIGUEZ; RIEGER; SUNG, 2012, p. 28.

um grave problema que ele chama de “regime de excitações intensas”.<sup>4</sup> Ele defende o pensamento de que os indivíduos nesta sociedade são movidos intensamente por “recompensa”, e, obviamente, não aceitam postergar ou abrir mão dessa ânsia para não ficar de fora desse nivelamento no topo da pirâmide.

Para Bauman a sociedade é massa de manobra dentro de um aspecto cíclico, onde nada satisfaz plenamente, a lógica é reinventar, para criar o desejo, e por fim a insatisfação. Comentando o pensamento de Valery quanto à insana corrida imposta pelo aspecto cíclico das coisas na vida das pessoas ele escreveu: “Podemos dizer que, quando a satisfação de necessidades torna-se um vício, nenhuma dose de satisfação pode satisfazer mais.”<sup>5</sup>

Numa sociedade voltada para o consumismo há o perigo de que o cidadão esteja sempre em constante insatisfação. Tal comportamento é motivado por forças econômicas que visa o lucro, a massificação do poder de compra, e a formação de diferentes classes quando comparadas e distanciadas umas das outras. A clara intenção de destacar estas classes que podem mais do que outras, são veiculadas nas mídias para forçar os indivíduos a conquistar um nivelamento social objetivamente voltado para ampliar a cultura do consumo. Segundo MacKeown a “tecnologia nos aproxima mais das opiniões alheias”, do que poderíamos decidir e focalizar. Somos estimulados por sofismas e engodos sob o disfarce de melhoria da autoestima, do poder de influenciar pessoas, do poder de sedução e muito mais. Para MacKeown o viés utilizado com a finalidade de destacar uma classe social ou pseudo-ganho pessoal, não passa de dominação por massificação para tornar o indivíduo em um potencial consumidor.<sup>6</sup>

MacKeown afirma que a ideia de ter e poder muito fortemente disseminado através dos meios de comunicação é um mito que arrasta o indivíduo para uma cultural comportamental de consumismo. Para ele esta cultura de massa aumentou a sobrecarga de atividades do indivíduo, que passou a ser mais exigido para poder ter poder de compra numa sociedade eminentemente viciada. Para ele essa cultura alterou o comportamento social do indivíduo em todos os níveis. MacKeown lembra que o século XX marcou a transição de uma cultura de “prioridade”, para “prioridades”. Furtivamente a sociedade criou a cultura do mais, sob o argumento

---

<sup>4</sup> BAUMAN, 2011, p. 106.

<sup>5</sup> BAUMAN, 2011, p. 106.

<sup>6</sup> MACKEOWN, Greg. *Essencialismo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2015. p. 23.



das prioridades. Desde então, o sonho é perseguir mais, numa diversidade de desafios no cotidiano.

A cultura do acesso ao consumo na sociedade criou em conjunto algumas influências que determinam o comportamento individual e coletivo, voltado para a busca de nivelamento e plágio social. Este conjunto de características torna a sociedade injusta e utilitarista, serva dos senhores que ditam as regras do jogo; onde a quebra de braço favorece o corporativismo e os detentores do poder.

A sociedade atual procura canalizar a tecnologia, a ciência, a cultura para promover uma sociedade de consumidores. Dentro deste menu de opções para atrair cada vez mais as pessoas para o ambiente da compra, está uma nova modalidade que também quer disputar o seu espaço. Neste seguimento estão as academias de fitness, as clínicas de beleza e estética. Resende afirma que no cenário global de compra e venda os serviços estão apostando em inovações para competir e buscar cada vez mais dividendos neste espaço.<sup>7</sup> Citando mais uma vez:

Produzir bens é cada dia mais fácil e mais barato. Em contrapartida, sobem os preços e a importância dos serviços, sobretudo daqueles em que a tecnologia ainda não pode substituir o ser humano, como o de uma babá carinhosa, como o da concepção dos pratos de um bom restaurante, de uma série de televisão de qualidade, ou o do desenvolvimento da própria tecnologia.<sup>8</sup>

## 1.2 Subjetivismo do consumo

O escritor Luc Ferry ao comentar sobre a desconstrução de amarras cultural política ou religiosa defende a ideia de que ela um instrumento para acompanhar a evolução e os rumos que a sociedade persegue. Ele escreveu:

Mesmo que as ideias não governem o mundo, elas acompanham, todavia seu andamento de maneira significativa, e não é por acaso que encontramos, nos efeitos reais engendrados pela contestação das normas e dos ideais transcendentais, algo perfeitamente análogo ao que se observa [...].<sup>9</sup>

A alienação é um fenômeno patológico que afeta o ser humano de diferentes formas. Ele é afetado fisicamente, emocionalmente e mentalmente. Este fenômeno se dá de acordo com a forma de percepção externa e por indução rápida. Segundo

---

<sup>7</sup> RESENDE, André Lara. *Devagar e simples*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 20.

<sup>8</sup> RESENDE, 2015, p. 20.

<sup>9</sup> FERRY, Luc. *Aprender a Viver*. Filosofia para os novos tempos. Trad. Vera Lucia dos Reis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. p. 33.

Kahneman afirma que o cérebro atua de duas formas: No sistema 1 as impressões e sensações determinam as crenças “explícitas” e escolhas “deliberadas” desse sistema. Por outro lado, o sistema 2 é que determina tudo aquilo que diz respeito ao indivíduo.<sup>10</sup> Nele o raciocínio consciente se desenvolve de forma mais lento, porém mais racional e objetivo. O autor defende a ideia de que é no sistema 1 onde mais o indivíduo fica alienado. É neste sistema que as impressões de maior impacto causa no indivíduo repulsa ou apego.

Kahneman afirma que a possibilidade de alienação é maior à medida que o sistema automático cria espaço e lhe dar as boas vindas. Isso ocorre porque o externo produz sensação de prazer e bem-estar. Não exige raciocínio e análises longas e exaustivas como no sistema oneroso.

O autor chama a atenção para a associação que existe entre o observador e o objeto observado. Kahneman chama de “ilusão de causalidade”. Segundo ele mesmo não havendo um contato físico concreto, mesmo assim esse indivíduo vivencia esta associação de ilusão de causalidade. Para o autor esta percepção de intenção e emoção é irresistível.

Os órgãos de publicidade conhecem os efeitos da ilusão e causalidade sobre a mente do indivíduo. Estes especialistas a serviço dos setores empresariais elaboram suas propagandas com a finalidade de alienar pessoas e torná-las consumidoras compulsivas. Ao tempo que pode ser um instrumento de divulgação de produtos e serviços, pode ser também um mecanismo para fazer com indivíduos consumam mais do precisam, e adquiram coisas de na verdade não tem necessidade. Layard afirma que os cidadãos possuem valores, e como tais, são marcas distintivas que os definem como tais.<sup>11</sup> No entanto, há um risco constante e absurdamente voraz, que trabalha para desfazer esses valores em favor de outros. Ele faz referência ao marketing e a propaganda em nossa sociedade.

Para Layard a influência da propaganda funciona no inconsciente coletivo, passando a crença de que todo indivíduo tem direito a ter o que todos têm. Para ele esse é um artifício perigoso porque pode conduzir todos os indivíduos a uma busca insana por “mais”. Uma profecia auto-realizável. Este engodo preconiza uma realização injustificada do ponto de vista da felicidade, segundo o autor.

---

<sup>10</sup> KAHNEMAN, Daniel. *Rápido e devagar*. duas formas de pensar. Trad. Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 29.

<sup>11</sup> LAYARD, Richard. *Felicidade*: lições de uma nova ciência. 2008. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006. p. 189.

Goleman analisa a chamada “modificação cognitiva do comportamento”.<sup>12</sup> Esta terapia ajuda pessoas que sofrem de grave ansiedade social. Imagens associadas a flashes de luz agitam esses indivíduos e eles respondem com muita rapidez ao estímulo. O autor afirma que a propaganda apropriadamente utiliza esse recurso como estratégia para obter respostas dos clientes num mercado já saturado. Goleman também afirma que existe por trás dos objetivos dos marqueteiros “uma mini-indústria de estudo do cérebro” a serviço do marketing gerando estratégias bem elaboradas para manipular a nossa mente inconsciente. Goleman não poupa palavras ao censurar a armadilha do marketing em se tratando dos artifícios que o mesmo pode produzir na mente para produzir resultados esperados pelo mercado. Ele afirma:

Atualmente, a vida parece regida pelo impulso num grau preocupante. Uma inundação de anúncios publicitários nos estimula, de baixo para cima, desejarmos uma infinidade de bens e a gastarmos hoje sem pensar como pagaremos amanhã. Para muitos, o reino do impulso vai além dos gastos e empréstimos excessivos, chega ao ponto do comer excessivo ou de outros hábitos característicos de adições – como entupir-se de doces ou passar horas intermináveis olhando fixamente para algum tipo de tela digital.<sup>13</sup>

Goleman afirma que o circuito neural está ativado para responder a “estímulos super-normais”. Segundo ele basta associar sexo ou prestígio a um produto para que estejamos dispostos a comprar ou se associar a alguém que despertou algum tipo de satisfação pessoal. Quanto maior for essa predisposição, maior será a alienação pessoal. Alcoólatras ficam fascinados por cervejas veiculadas nos anúncios; depravados ficam excitados por pessoas sensuais num comercial turístico.

Quanto mais um indivíduo é dominado por suas emoções, mais alienado ele se torna. Goleman afirma que “Quanto mais forte a emoção, maior a fixação”. Para ele a cola da atenção, tem sua rigidez no foco utilizado para algo. Quando o indivíduo coloca muita energia num determinado foco, mais facilmente ele fica refém. Goleman chama atenção para os sequestros emocionais. Segundo ele, o gatilho é acionado pela amígdala, o “radar” que informa as ameaças ao cérebro.

Miguez, Rieger e Sung afirmam que por trás de uma comunicação subjetiva? existem forças imperiais que atuam massificando desejos, onde os mercados são os

---

<sup>12</sup> GOLEMAN, Daniel. *Foco: a atenção e seu papel fundamental para o sucesso*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2013. p. 39.

<sup>13</sup> GOLEMAN, 2013, p. 39-40.

únicos que ditam o caminho a ser percorrido pela sociedade.<sup>14</sup> Para eles, o desejo induzido e orientado em função de interesses puramente comerciais massacra a liberdade e monopoliza a vontade popular. Para ele há uma lei imposta por este sistema imperialista que impõe a regra consumista como uma lei: “simplesmente faça”. O imediatismo nesta cultura torna-se a norma vigente, e impulsos primitivos desenharam o quadro de uma cultura escravizada.

Para eles o modelo imperialista na forma de economia de mercado, submete as pessoas aos interesses dominantes, nesse contexto só existe espaço para a hegemonia que permeia com mão de ferro o controle da vontade alheia da população. Essa subjetividade imperializada consegue colonizar os indivíduos e dissolver crenças, valores, política e a religiosidade.

Os cidadãos são massificados diariamente por uma cosmovisão que “virtualiza-se”, intensificando os objetivos de poderes corporativos. Para esses poderes a construção a “ideologia dominante é a ideologia do dominado”. Para Miguez, Rieger e Sung o sentido que integra a dominância é a que fica enraizada no imaginário coletivo.

A subjetividade dominante no sistema de consumo ultrapassa a barreira do racional, conduzindo o dominado a decidir e agir de acordo com fantasias que são construídas no imaginário popular. A mágica que construída é a de que o acúmulo de mais e mais bens traz benefício amplo para o possuidor.

### **1.3 Rupturas e discontinuidades**

As civilizações passadas foram dominadas por mecanismos completamente diferentes das atuais estratégias. Vale lembrar que no passado os expedientes usados para manipular o inconsciente coletivo se davam por meio dos discursos intelectuais, das artes e da religião. Hoje os poderes confederados usam esquemas mais sofisticados e sutis. Por trás dessa montagem há uma engrenagem sofisticada chamada nova mídia e a indústria da publicidade, altamente financiada pronta para interferir na sociedade e modificar seus gostos, seus modos e sua cultura.

Miguez, Rieger e Sung afirma que o desejo de consumir é controlado por grandes marcas e multinacionais de produção. Para ele houve uma substancial mudança entre o que ele chama de “fordismo e toyotismo”. Se a subjetividade na

---

<sup>14</sup> MIGUEZ; RIEGER; SUNG, 2012, p. 40.

época do fordismo tinha que se conformar com o que era colocado no mercado, hoje o toyotismo integra a produção com o gosto sofisticado e exigente do consumidor. Esse aspecto tem forte ligação com aquilo que se tornou amplamente a febre consumista que domina e permeia o inconsciente humano na atualidade.

A sociedade moderna tem como marca de destaque o aspecto cíclico das coisas. O marketing está a serviço de uma máquina imperialista que descarta impiedosamente tudo numa curta linha de tempo. Nenhum produto lançado no mercado é novo, porque a cada instante as empresas estão fazendo novos protótipos que vão sucedendo os recentes. Esta cultura descaracterizou o valor das coisas, quanto a durabilidade e consistência. Nada é assombrosamente novo ou atual, nesta sociedade de consumo de um dia para o outro. Bauman afirma que a expectativa de curta duração de um produto já sai do mercado com data prescrita e instilada para novas ofertas e a descaracterização das antigas.<sup>15</sup> Com base nesse raciocínio, o mercado de forma muito imperceptível veicula a cultura da desvalorização e durabilidade.

Bauman destaca a cultura do fetichismo e da subjetividade, onde ele acusa a esta sociedade de desperdício e de uma decrescente temporalidade entre o “brotar e o murchar”. Segundo o autor perdeu-se a cultura da fidelidade ao produto, restando apenas o consumo das emoções sem a conseqüente responsabilidade para com as crescentes toneladas de lixos descartáveis em decorrência do abuso excessivo de consumo irresponsável na sociedade.

Layard destaca este processo cíclico sempre em contato com algo novo como algo vicioso.<sup>16</sup> Para ele essa “esteira hedonista” para que a felicidade permaneça fixa é necessário que o indivíduo esteja sempre correndo e se atualizando. Ele afirma para que uma pessoa esteja em sintonia com o padrão cultural imposto, é necessário uma “adaptação”. A partir dessa nova adaptação são necessários novos estímulos e contínuos para aumentar o seu bem-estar.

A cultura atual voltada para atender desejos imediatos, reduzindo a vida a picos de consumos, seja de alimentos, roupas, calçados ou bens duráveis, é uma redução do sentido da vida em seu aspecto amplo. Segundo Bauman, estas pobres

---

<sup>15</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 22.

<sup>16</sup> LAYARD, 2006, p. 67.

peças são andarilhos que absorvem “tentação como desejo”<sup>17</sup>; pressão como intenção; sedução como decisão”. Para o autor esta troca ilusória é o triste resultado de uma sociedade que descartou o concreto pelo fictício e passageiro. Zapping é a companhia real na tela dos que aderiram ao modismo e descartável estilo de viver.

A cultura que dogmatiza o *modus vivendi* das pessoas nesta sociedade de consumo caracteriza-se por apresentar três aspectos que de forma contrastante desafia os indivíduos que estão frontalmente na contramão de seu estilo e de suas crenças. Zygmunt Bauman resume este contraste social de três formas bem definidas: Em primeiro lugar este grupo faz questão de “estar e permanecer à frente”. Sua marca no contexto social de consumo é de serem os primeiros da vez. Seu grupo de referência destaca-se pela exclusividade e por exibicionismo na crista da onda, do modismo. Este grupo não se mistura socialmente com os demais por grupo de pertença. Eles aspiram às tendências e inovações. São figuras que exibem com muita ousadia suas marcas de ostentação. Bauman afirma que estas pessoas são figuras emblemáticas. São tidas por aspecto porque não aceitam qualquer tipo de fusão com os demais indivíduos na sociedade.

Em segundo lugar, Bauman destaca outra característica que tem relação com a cultura do consumismo inerente a sua conduta diferenciada. Para o autor o diferencial aqui neste contexto diz respeito à questão do “tempo pontilhista”. Ele cita Milan Kundera que afirma: “O nível da velocidade é diretamente proporcional à intensidade do esquecimento”.<sup>18</sup>

Para Bauman esta característica é singular pelo seu aspecto brutal desta cultura porque nivela o consumidor a um nível de reciclagem do mercado mantenedor. Ele afirma que a lentidão neste contexto clássico, significa morte. O tempo é o grande norteador, o grande rolo compressor que imprime um ritmo de pressão no estilo de vida desses indivíduos. O conceito de exclusão neste grupo em especial, não ocorre por arbitrariedade, mas por lentidão em acompanhar o avanço das tendências impostas.

Em terceiro lugar Bauman destaca o que ele chama de poder de decisão. Para ele a síndrome cultural do consumo não pode se submeter a virtude da procrastinação da compensação ou de retardar a satisfação. Segundo Bauman estes dois axiomas são pilares defendidos por uma sociedade governada por uma

---

<sup>17</sup> BAUMAN, 2011, p. 127.

<sup>18</sup> BAUMAN, 2008, p. 46.

síndrome produtivista. Ele conclui estes três aspectos afirmando que a síndrome consumista é caracterizada por velocidade, excesso e desperdício.

Neste universo líquido tremendamente caracterizado por instabilidade dos desejos e a insaciabilidade das necessidades do ser humano, a tendência do oportunismo é tirar vantagem desse desmedido estado de confusão humana. Num ambiente de total falta de solidez e volatilidade, o ambiente moderno se torna completamente insípido, comportamentos em transição e os objetos dos desejos perdem o seu brilho e sua atração. Tudo se torna volátil nesta cultura como esta diz Bauman:

Um ambiente líquido moderno é inóspito ao planejamento, investimento e armazenamento de longo prazo. De fato, ele tira do adiamento da satisfação seu antigo sentido de prudência, circunspeção e, acima de tudo, razoabilidade. A maioria dos bens valiosos perde seu brilho e sua atração com rapidez, e se houver atraso eles podem se tornar adequados apenas para o depósito de lixo, antes mesmo de terem sido desfrutados.<sup>19</sup>

Rupturas e descontinuidade parece ser a clássica conquista do apogeu da pós-modernidade. Nada é estável e nem duradouro. As pessoas no mundo parecem sofrer de um desapego crônico e de desamor. Esta característica migrou do universo das coisas e migrou para dentro do universo relacional de uma forma patológica e cruel. O destaque está no termo “*Pontilhista*”: um tempo pontuado para o fim de tudo. Bauman retorna ao argumento a destacar:

O tempo pontilhista é fragmentado, ou mesmo pulverizado, numa multiplicidade de instantes eternos – eventos, incidentes, acidentes, aventuras, episódios – mônadas contidas em si mesmas, parcelas distintas, cada qual reduzida a um ponto cada vez mais próximo de seu ideal geométrico de não-dimensionalidade.<sup>20</sup>

A sociedade convive hoje com uma das maiores epidemias de acúmulos de lixo material e virtual de todos os tempos. A quantidade de lixo é proporcional à quantidade de produtos que são lançados no mercado, sem destacar a quantidade enorme de bens que se acumular em residências, agências para depósitos de quinquilharias ao redor do mundo. Os países precisam disponibilizar em seus orçamentos enormes somas de dinheiro para poder administrar resíduos diários das populações para serem descartados.

---

<sup>19</sup> BAUMAN, 2008, p. 27.

<sup>20</sup> BAUMAN, 2008, p. 46.

Miguez, Rieger e Sung afirmam que o “*logo*” em sua forma de “*merchandising*”, o virtual, a fantasia, o fetiche – substitui o mundo real, escamoteia e anula o concreto. Eles reforçam a ideia de que uma vida de consumo, de armazenagem de bens e de fortuna de capitais, não passa de lida ilusão. Como afirmou Salomão: “Tudo é vaidade e correr atrás do vento” (Eclesiastes 1.14).

#### 1.4 Alienação pessoal diante do consumo

A alienação é uma palavra que agrega significados para colocar objetos com reserva de domínio, bem como para caracterizar e ligar pessoas a alguns tipos de dependências. Este termo tem sido usado também para estigmatizar pessoas aprisionadas a ideologias ou ainda a indivíduos compulsivos. Todos os indivíduos possuem desejos latentes e adquiridos. O tipo de desejo compulsivo e alienador a que este capítulo se refere tem ligação com o desejo voltado para o consumismo. O nível de consumo alienado é aquele através do qual o indivíduo compra só para ter o prazer de comprar e possuir. Não é um consumo consciente, motivado por alguma necessidade.

O consumo precisa ser analisado a partir de algumas perspectivas reais e imaginárias. Bauman explica que o consumo a partir de uma forma “*arquetípica*” ligado ao ciclo metabólico de ingestão, digestão e excreção, o consumo tem um aspecto irremovível.<sup>21</sup> Esta condição está atrelada à sobrevivência biológica. É um tipo de consumo justificável e incondicional. Este tipo de consumo tem total ligação com uma condição racional imperativa, da qual o ser vivo não pode prescindir de exercê-lo. Ele defende sua argumentação afirmando que este tipo de consumo é tão antigo quanto a origem dos próprios seres vivos.

Ao longo da história os seres humanos foram evoluindo e juntamente com este processo contínuo apareceram também às mudanças radicais que interferiram no comportamento da civilização. Para este sociólogo, estas mudanças não foram qualitativas, mas quantitativas, interferindo substancialmente na cultura global das civilizações posteriores. Bauman chama esta mudança de “*ruptura*” e “*revolução consumista*”.<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> BAUMAN, 2008, p. 37.

<sup>22</sup> BAUMAN, 2008, p. 37-38.



Para Colin Campbell, quando o sentido da vida é de “querer”, “ansiar por”, tais aspectos abriram espaço para o sujeito se tornasse o ponto de apoio para economia do convívio humano. De fato, o homem moderno é o grande financiador de um sistema que sobrevive da orgia de consumo dele próprio. Para o autor o consumismo é na verdade, a *principal força propulsora e operativa da sociedade*.

Para Mary Douglas, tudo que excede as necessidades, ou a razão porque precisa de bens de luxo, não poderá está perto de considerar o problema da desigualdade. Se por um lado o consumo consciente é uma característica fundamental e inerente ao ser humano, do outro o *consumismo* é um invento clássico da *sociedade* moderna.

Para que uma sociedade adquira esse atributo, a capacidade profundamente individual de querer, desejar e almejar deve ser, tal como a capacidade trabalho na sociedade de produtores, destacada “alienada” dos indivíduos e reciclada/reificada numa força externa que coloca a sociedade de consumidores em movimento e a mantém em curso como uma forma específica de convívio humano, enquanto ao mesmo tempo estabelece parâmetros específicos para estratégias individuais de vida que são eficazes e manipula as probabilidades de escolha e conduta individuais.<sup>23</sup>

O advento das transformações com sua nova ordem mundial em nome do capitalismo moderno empurrou a sociedade para um mercado de ganho de capital e consumo. Esta transformação conduziu o mundo para navegar na era da globalização. O salto dado pelo poder econômico ampliou o consumo, mas produziu na vida das pessoas, estresse, ansiedade e angustia por endividamento. O mercado econômico ampliou o território do poder e da riqueza, mas não conseguiu resolver os mínimos problemas sociais dos países em desenvolvimento. Destaca-se o espantoso crescimento econômico na nação Norte Americana na década de 1970. Mas espantosamente, como médico ele afirma que os gastos com planos de saúde superaram os índices de expectativas.

Essa facilidade econômica tem sido espantosamente bem sucedida, mas tem apresentado também problemas vexatórios. Em 1997, por exemplo, os gastos com assistência médica ultrapassaram, pela primeira vez, um trilhão de dólares, ou seja, 3.759 dólares *per capita*.<sup>24</sup>

Dentre as muitas heranças que o consumismo tem deixado para as pessoas na sociedade a dívida é uma delas. O endividamento por consumo em excesso, em

---

<sup>23</sup> BAUMAN, 2008, p. 41.

<sup>24</sup> SWENSON, Richard A. *Como conviver com bem com as pressões*. Belo Horizonte: Betânia, 2001. p. 133.

suas diferentes formas é um grave problema social. Some-se a esse quadro, o sucateamento de necessidades básicas que são suprimidas por causa das dívidas contraídas com credores no mercado consumidor. Os hábitos de consumo mais do que realmente necessita da população contribui muito para este empobrecimento familiar. A cultura do “ganhou-gastou” leva a população a trabalhar mais para pagar dívidas contraídas nas casas de crédito. O resultado são problemas de relacionamento familiar de toda ordem. John Capozzi, conhecendo a tirania da dívida afirma:

Se você tiver de escolher entre assumir uma grande dívida para iniciar um negócio e encarar um pelotão de fuzilamento, escolha a segunda opção, pois nesta existe uma chance de sobrevivência: os atiradores podem errar.<sup>25</sup>

Com o advento das facilidades para consumir compulsivamente, o indivíduo da modernidade ainda pode contar com o conforto de cartões de crédito que facilita a vida daqueles que não possuem dinheiro para comprar. Com o advento desse instrumento globalizado, o indivíduo pode comprar e parcelar seu débito em várias parcelas. Com este instrumento em mãos, o indivíduo, tem poder, status, crédito e autonomia a custo do poder econômico que lhe oferece suporte a custo de sua liberdade. Russ Crosson lembra que o problema maior não é ter renda menor, mas o estilo de vida que pode levar a viver sufocado pelas pressões de credores opressivos. “Embora uma renda menor possa resultar em pressões financeiras maiores, a renda, em si, não é fonte do problema, e sim nosso estilo de vida”.<sup>26</sup>

A vida de consumo além das necessidades tende a gerar outro tipo de sensação desagradável que acomete os compulsivos na arte de consumir. O sistema econômico foi criado para produzir riqueza, e para esse objetivo ser alcançado é necessário produzir, vender para ganhar cada vez mais. A lógica deste sistema segue essa linha de raciocínio. O problema é que nada neste mercado pode ser permanente. O consumo só pode ter uma dimensão concreta se houver comprador para cada novo produto lançado no mercado. Esse menu rotativo de opções gera no indivíduo, a sensação de insatisfação, sempre que ele perceber que um novo modelo, um designer arrojado foi lançado no mercado. MacKeown chama

---

<sup>25</sup> SWENSON, 2001, p. 136.

<sup>26</sup> SWENSON, 2001, p. 141.

atenção para um truque muito corriqueiro, usado para confundir o consumidor, torná-lo insatisfeito e arrastá-lo para a alienação do consumo.<sup>27</sup>

Perdemos a capacidade de filtrar o que é importante e o que não é. Segundo os psicólogos, trata-se da “fadiga decisória”: quanto mais escolhas somos forçados a fazer, mais a qualidade das decisões se deteriora.<sup>28</sup>

A insatisfação gera no indivíduo um estado de angústia por não encontrar a sensação de bem-estar necessária a sua vida pessoal. Quando esta sensação desagradável ocorre por em função do consumo ela é uma gravíssima herança dessa alienação consumista. Segundo MacKeown as pressões externas exercem nos indivíduos uma ação de provocações intensas. Cada cena com a qual se deparam os olhos podem chocar, repelir ou atrair. O problema se agrava quando essas pressões são praticadas com o objetivo de atingir o indivíduo. A vida não é estática, por esta razão o indivíduo é afetado diariamente pelos sentidos; que funcionam como avenidas da alma, processando e permutando informações diversas entre o mundo interno e externo que envolve o ser humano. MacKeown afirma que o indivíduo vive cercado por um oceano cheio de atividades e oportunidades. Para ele nem tudo que é estimulante é necessário. O fato é que muita coisa é trivial. O trivial é onde as pessoas mais se enganam por achar que deve explorar ‘*tudo*’ que está à sua volta. Quando o indivíduo vive tendo como foco principal é o consumo, a possibilidade de experimentar a frustração sempre que não puder agarrar o mundo a sua volta com as mãos, estará sujeito à insatisfação.

Layard fala do comportamento inconstante.<sup>29</sup> Ele atribui a “economia comportamental”. Ele destaca três aspectos que provem de:

- A. Incapacidade de prever os sentimentos futuros. O mercado do lucro como já foi apresentado nesta pesquisa não tem compromisso com durabilidade ou consumo consciente. Seu objetivo é o lucro auferido no mercado. Seu objetivo é vender. O capital não está preocupado com a adaptação do sujeito com o produto. Por exemplo: “*Um erro de previsão diz respeito ao vício em cigarros, drogas, álcool ou jogo*”: quando uma pessoa começa, não imagina o quanto pode ser difícil parar. Ele afirma que essa alienação ocorre por causa do desejo de gratificação imediata;

---

<sup>27</sup> MACKEOWN, 2015.

<sup>28</sup> MACKEOWN, 2015, p. 23.

<sup>29</sup> LAYARD, 2006, p. 172.

- B. Desinformação sobre os riscos. Esta inconstância trata dos riscos que o consumidor compulsivo pode experimentar no mercado do lucro. Layard explica que este consumidor tem aversão à perda. Além da inconstância de produtos no mercado, ainda correm o risco de subestimar das coisas realmente ruins. Investem muito correndo riscos, em nome da boa fé, que o autor define como “*exagero de probabilidade*”;
- C. Incapacidade para gestão com números. Neste tipo de inconstância e economia comportamental, Layard trabalha o perigo do impulso para ganhar mais dinheiro em investimentos de risco. Não é um comportamento típico de ganância, mas de ingerência administrativa do dinheiro. Ele afirma que a maioria das pessoas não sabe avaliar corretamente nenhuma magnitude numérica.

O homem moderno típico da sociedade de consumo não herdou apenas alienação, dívidas, insatisfações ou inconstâncias, ele herdou também um desengajamento vertical, interno e horizontal quanto ao aspecto espiritual. A cultura “agorista” como afirma Bauman criou a concorrência contra o tempo para que ele pare, cujo sintoma ele diz que é de “estupidez”. Esse estilo instantâneo é a marca de uma cultura devastadora que coloca tudo em movimento.

A economia consumista se alimenta do movimento das mercadorias e é considerada em alta quando o dinheiro mais muda de mãos; e sempre que isso acontece, alguns produtos de consumo estão viajando para o depósito de lixo.<sup>30</sup>

Nesta visão, o ser humano pós-moderno está fadado a viver desengajado de tudo aquilo que deve merecer a primazia em sua existência. Como escreveu a poetisa Mary Oliver. *Diga-me o que planeja fazer com sua vida única, fantástica e preciosa*. Bauman explica este desengajamento afirmando que a causa para este aspecto está na busca por coisas e não por relacionamentos.<sup>31</sup> O “lucro” e a “urgência” são modelos que ameaçam o homem em relação a que realmente é necessário e essencial a sua vida. Ele analisa esta questão a partir do “grande desengajamento”. Para ele termos como “aceleração” e “velocidade” comprometem o compromisso da “flexibilização”, da “redução”, enquanto durar a satisfação.

---

<sup>30</sup> BAUMAN, 2008, p. 45.

<sup>31</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Medo Líquido*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 41.

O que acontece é nada nele permanece o mesmo durante muito tempo, e nada dura o suficiente para ser absorvido, tornar-se familiar e transformar-se no que as pessoas ávidas de comunidade e lar procuravam e esperavam. [...] Em suma: foi-se a maioria dos pontos firmes e solidamente marcados de orientação que sugeriam uma situação social que era mais duradoura, mais segura e mais confiável do que o tem de uma vida individual.<sup>32</sup>

A crise de desengajamento espiritual e relacional é muito gritante na conjuntura social agravada por uma ânsia desmedida por status e posse. Fragmentam-se os valores imateriais e cria-se uma selva humana de predadores insaciáveis. Como observa Vanier, a necessidade de comunhão uns com outros é o que nos torna humanos de fato.<sup>33</sup> Ele afirma que esta é fonte originadora de todas as outras necessidades. Quando essa carência afetiva de pertença não é saciada, a angústia e os sentimentos de culpa, depressão e fúria ocupam o lugar da paz e da tranquilidade no interior do indivíduo. Falando da troca de prioridades, seja pessoas por coisas ou comunidade pelos membros, Dietrich Bonhoeffer declarou: “*Quem ama a comunidade, a destrói; quem ama os irmãos, a constrói*”.

Não é submetendo-se ao despotismo da Lei ou refugiando-se no cada um por si e na trapaça que os seres humanos poderão conseguir encontrar um pouco de paz, de segurança e felicidade. Mas é, se além disso tiverem um pouco de sorte, aprendendo a aliar-se e associar-se, a (se) dar uns aos outros pondo a confiança nos outros e ganhando a confiança.<sup>34</sup>

O desengajamento humano na década atual mostra que o comprometimento com o verdadeiro eu humano está desintegrado por conta dessa cultura consumista. Imperceptível, mas ativo o esfacelamento interno do homem é notório e inegável. Este indivíduo sabota sua espiritualidade, suas relações, sua saúde, sem perceber. O mal do secularismo e do materialismo afeta o homem como os efeitos de uma estiagem em sua mórbida aridez. Peterson afirma que a nossa sociedade enfrenta descrença e tédio por causa de “coisas” e “funções”.<sup>35</sup>

As pessoas começam a ver que o secularismo marginaliza e por fim elimina os dois aspectos essenciais da plenitude humana: a intimidade e a transcendência. *Intimidade*: queremos experimentar o amor, a confiança e a alegria humanos. *Transcendência*: queremos experimentar amor, confiança e alegria divinos. Não somos o que somos por nós mesmos. Não nos tornamos mais humanos, mas nós mesmos quando estamos atrás do volante de um BMW, em quando, trajados de barrete beca de formatura, colamos um grau acadêmico para podermos conseguir um emprego melhor

<sup>32</sup> BAUMAN, 2006, p. 41.

<sup>33</sup> VANIER, Jean. *Comunidade lugar do perdão e da festa*. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 30.

<sup>34</sup> CAILLÉ, Alain. *Antropologia do dom: o terceiro paradigma*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 18.

<sup>35</sup> PETERSON, Eugene H. *Espiritualidade Subversiva*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

faz mais e melhores coisas. Em vez disso, ansiamos por um toque humano, por alguém que saiba nosso nome. Temos fome de significado divino, alguém que nos abençoes.<sup>36</sup>

Peterson mostra que nossa sociedade é explorada por uma enxurrada lamacenta que produz confusão. As pessoas confundem muita coisa que confira a sensação de proximidade. Qualquer coisa, seja genital, cocaína – serve como muleta para a intimidade. Para ele, este mistério de “mantras” obscurece a capacidade humana hoje para entender o significado de transcendência. Ele potencializa seu argumento ao afirmar que a sociedade convive com líderes que saqueiam a verdadeira necessidade espiritual e as relações, orquestrado por fraudes bem elaboradas e sofisticadas com a finalidade de deturpação.

A crise de desengajamento abre espaço para que as pessoas sintam que há um vazio existencial diagnosticado. Mas a falta de disciplina ainda arrasta os indivíduos em busca de mais. O resultado, afirma Peterson, é uma fome insaciável por intimidade e transcendência, amigos de carne e osso, e não virtual, e um Deus pessoal, amor e adoração. A permuta inconsequente do concreto pelo fantasioso é rápido, circunstancial, superficial e impessoal. Por fim uma paródia do que deveria ser. Nada que substitua Deus como começo, meio e fim pode oferecer plenitude à alma humana.

Nada em Deus nem em nossas relações com Deus pode ser secularizado para atender a nossas expectativas, personalizado para as nossas condições, administrado para nossa comodidade. [...] Onde quer que estejamos, o que quer que estejamos fazendo, existe mais, e o mais é Deus, revelando-se em Jesus pelo Espírito Santo.<sup>37</sup>

A alienação produzida pelo consumo em suas diferentes formas, bem como, os demais agregados, produzem uma safra de seres humanos que experimentam uma sensação que os impele a permanecer numa busca por algo que os mesmos não conseguem decifrar. Este beco sem saída produz imagináveis formas de consumo que se desdobra nas formas de buscas que inclui álcool, drogas, sexo e orgias nas noites sem fim. GUIX afirma que este diagnóstico é o resultado da geração *yuppie*, dos empreendedores agressivos, filhos de “*Wall Street*”, do asfalto, do gel no cabelo, dos ternos de grife, da ânsia por encher os bolsos antes dos

---

<sup>36</sup> PETERSON, 2009, p. 50.

<sup>37</sup> PETERSON, 2009, p. 99.

quarenta anos.<sup>38</sup> Dos *laptops*, dos *tablets*. Ele afirma que um belo dia a sociedade amanheceu como *cyborgs* globalizados.

Entre o individualismo e o sentido de coletividade, estão dois mundos. O mundo daqueles que só pensam em si mesmos e aquele dos que pensam a partir de si mesmos. Uns tomam consciência do que precisam para ser felizes e os outros tomam consciência do que sobra para serem felizes. Uns tentam obter mais, fazendo menos. E os outros, com menos, tentam fazer mais. Uns precisam presumir, os outros, resumir. Uns alimentam da avareza e os outros, da carícia. Uns não chegam nunca e os outros estão sempre presentes. Esse jogo de dualidade encerra a ideia de que uma pessoa só, voltada para si mesma, com a única visão do “me, meu, comigo”, só tem um destino, o vazio.<sup>39</sup>

A arte moderna de despersonalizar e saquear propositadamente o sagrado, o prioritário é uma das estratégias do mundo moderno. O genérico assume com força total o espaço aberto na sociedade sem espiritualidade e relacionamento. Peterson levanta a questão da espiritualidade genérica.<sup>40</sup> Da banalização do sagrado em nome da economia e do ganho. Ele declara como a cultura contribui para que haja este tipo de materialidade:

A cultura do faça-você-mesmo e da auto-ajuda permeou nossa imaginação a tal ponto que não damos muita atenção ao maior fato de todos, a ressurreição. O motivo pelo qual não damos muita atenção é que a ressurreição não é algo que podemos usar, manipular, controlar ou aperfeiçoar. É interessante que o mundo não tenha tido tanto sucesso na tentativa de comercializar a páscoa, transformando-a num bem de consumo, como teve com o natal.<sup>41</sup>

A modernidade não tem contribuído para melhor a vida humana em termos espirituais, a riqueza e no poder aproximou o homem de si mesmo, dos outros e de Deus. Fatalmente, estas prioridades tão essenciais para os seres humanos são ofuscados pelo brilho das passarelas ou dos pisos de mármore nos templos do consumo. Este é o estilo massificado e duramente repassado pelos meios de comunicação que trabalham incansavelmente para vender a imagem humana de ter e não ser. Como lembra o rabino judeu Hilel, o grande sábio do século I a.C. *Se eu não me importar comigo, quem se importará? E se eu me importar apenas comigo,*

---

<sup>38</sup> GUIX, 2008, p. 20.

<sup>39</sup> GUIX, 2008, p. 23.

<sup>40</sup> PETERSON, Eugene H. *A maldição do Cristo Genérico*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

<sup>41</sup> PETERSON, 2005, p. 271-272.

*quem serei?*<sup>42</sup> Para Adam Smith a pessoa que viver apenas para si, então será um monstro de proporções desumanas.<sup>43</sup>

Adam Smith escreveu em 1759, que o ser humano se sente muito pior, com a perspectiva de perder um dedo das mãos do que com a morte de milhões de pessoas. A morte dos sentimentos do ser humano, a frenética capacidade de se curvar diante de expectativas e da possibilidade de subir ao poder muda radicalmente este indivíduo, torna-o, efêmero, materializado e vazio. O físico Richard Feynman lembra: “O princípio número um é que você não deve se tapear – e você é a pessoa mais fácil de tapear que existe.”<sup>44</sup>

---

<sup>42</sup> WIKIPEDIA. *Hilel, o Ancião: Ética*. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Hilel,\\_o\\_Anci%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hilel,_o_Anci%C3%A3o)>. Acesso em: 15 jun. 2017.

<sup>43</sup> ROBERTS, Russ. *Como Adam Smith pode mudar a sua vida*. Rio de Janeiro: Sextante, 2014. p. 25.

<sup>44</sup> ROBERTS, 2014, p. 53.





## 2 ESSENCIALISMO: O CONTRAPONTO AO DESAFIO CONSUMISTA

### 2.1 A importância do essencial

A sociedade historicamente conviveu com um enorme contrasenso marcado por acúmulo e excesso de um lado e carência e pobreza do outro. Os seres humanos sempre tiveram diante de si esse imenso abismo que dividiu pobres de ricos: os que desfrutavam do topo e os que sustentaram a base da pirâmide social. Este abismo moral e social não foi o estilo de um passado distante, ele é um extrato concreto e muito presente na atual conjuntura social. A cultura em latente desenvolvimento, marcadamente consumista, voltada para o prazer, a ostentação e a busca pelo mais, não está atenta e nem disposta a dialogar em torno desse abismo de desigualdade social grave.

Meszaros traduz um tipo de incongruência presente na sociedade que contribui para que este abismo se mantenha e dificulte a busca por entendimento e concretizações.<sup>45</sup> Sua crítica é oriunda do pensamento de Ernest Bark que fez a seguinte declaração:

Cada sociedade é uma unidade [...]. Mas cada sociedade é também uma pluralidade. É uma rica teia compreendida de grupos – religioso e educacional; profissional e ocupacional, alguns para o prazer e alguns o lucro, alguns baseados em vizinhança e alguns em outras afinidades; todos tingidos com a cor nacional e ainda assim todos (ou a maioria deles) com a capacidade e o instinto para associarem-se [...].<sup>46</sup>

Meszaros classifica esse agrupamento como “tendencioso”, segundo o qual estaria à procura de lucro e não do bem comum. O autor agrupa estes setores privados ao? Estado que privilegia um estilo apologético de interesses puramente lucrativos.

Para MacKeown só pode entender o propósito do modelo essencial de tudo, quando o indivíduo é capaz de parar de tentar fazer tudo, dizer sim para tudo e querer tudo.<sup>47</sup> Para ele a essência da teoria do essencial consiste em perceber a sutileza do menu de oportunidades criativas que invadem o mundo do indivíduo que não dispõe de tempo e recurso para investir em todas elas. Para o esse autor o que

---

<sup>45</sup> MESZAROS, Istvan. *A montanha que devemos conquistar*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013, p. 53.

<sup>46</sup> MESZAROS, 2013, p. 53.

<sup>47</sup> MACKEOWN, 2015, p. 12.

desequilibra o princípio da essencialidade é o Deiter Rams acredita fortemente ser ruídos de ocasião. Para os autores a falta de foco para ver a diferença entre “mais e o essencial”, contribui para dispersão de energia potencial. MacKeown afirma que a energia dos que não definem o essencial direcionam a energia em varias direções. Enquanto a energia utilizada no essencial vai apenas numa direção.

O caminho do essencialista segue um propósito, não segue o fluxo. Em vez de escolher reativamente, o essencialista distingue de maneira deliberada as poucas coisas vitais das muitas triviais, elimina o que não é essencial e depois remove obstáculos para que o essencial tem há passagem livre.<sup>48</sup>

Para este autor o essencial é um estilo seguro porque é programado e com foco e metas definidas. Neste tipo de postura o essencialista desfruta, segundo ele, não apenas o destino, mas a viagem em sua plenitude. É um estilo disciplinado que leva o individuo a governar a sua própria vida. Segundo MacKeown, o individuo que vivencia o ideal do essencial, sabe distinguir com muita clareza o peso de uma decisão. Decidir é uma das ferramentas defendidas pelo autor. Ele afirma que se uma pessoa não for disciplinada ao ponto de usar seu livre arbítrio com autoridade, corre um serio risco. *Se não estabelecermos prioridades, alguém fará isso por nós.*

Numa sociedade tipicamente consumista, se os indivíduos não exercerem o seu poder de escolha, facilmente tornam-se joguete nas mãos dos que tem tiram proveito dos indecisos e indisciplinados. A sociedade é comandada por setores econômicos que usam a sua influencia midiática e da lei para dizer o que comer; como vestir-se e o que calçar. Estes setores corporativos criam através da tecnologia a opinião de seus interesses. MacKeown afirma que a influencia midiática nos aproxima mais das opiniões alheias do que do foco populacional. Para ele a sobrecarga de informações é um problema; mas grave ainda é a avalanche de opiniões jogadas nas redes sociais, em propagandas expostas nas avenidas das cidades.

Vivemos a década das prioridades. Esse lema contribui para que a sociedade alimente a sua população com a máxima de que pode ter e fazer tudo que ela quiser. Essa publicidade aliada à fortíssima rede de literatura de autoajuda, criou o super-homem da atualidade. Ele é multifuncional e concorrente, instila-se nele a ideia de onipresença e onipotência.

---

<sup>48</sup> MACKEOWN, 2015, p. 15.

MacKeown, ao defender a busca disciplinada pelo menos, não faz apologia a produzir pouco ou nada. Ao contrário, produzir o máximo dentro de uma lógica daquilo que é estritamente essencial. Ele destaca três regras para entender a essência do essencial:

- A. Discernir o pouco do que é essencial do trivial: Num ambiente dominado por uma cultura imediatista, concorrente, multifuncional e consumidora é difícil ser essencialista. No entanto, o autor lembra que enquanto alguns embarcam na cultura reinante na sociedade do lucro, desenfreados e indisciplinados, consumindo energia em todas as oportunidades, o essencialista leva vantagem ao parar e filtrar as trivialidades e dispersores de energia para o sucesso. Ele afirma: *saber fazer a coisa certa, do jeito certo, na hora certa*. Faz grande diferença entre os escravos das pressões dos querem tudo, todo tempo, e os livres que encaram apenas o essencial. A diferença está entre a “coisa certa e tudo, entre o popular e a razão certa, entre a hora certa e agora”;
- B. Excluir as muitas coisas triviais: Peter Drucker afirmou que as pessoas são “competentes porque sabem dizer não”. Porque dizem “isso não é para mim”.<sup>49</sup> O perigo aqui para o indivíduo é ter que dizer sim para agradar ao sentimento, a alguém especial ou ao chefe;
- C. Remover obstáculos para assegurar o objetivo: O autor defende aqui um aspecto cíclico que contém três passos: primeiro, explorar usando o tempo para conhecer quais problemas poderão atrapalhar o andamento do que foi planejado. Segundo, eliminar tudo que esteja ocupando espaço desnecessário. Tudo que sobra na visão dele aqui atrapalha. Quanto mais coisas o indivíduo tenha que lidar, mas dificuldade para gerenciar. Terceiro, executar o que foi diagnosticado pela análise daquilo que é essencial.

Cloud e Townsend afirmam que o principal problema dos que “não aceitam um não – diferentemente de não conseguir dizer não – é que eles costumam projetar a responsabilidade de sua vida nos outros”.<sup>50</sup> Os autores classificam estes indivíduos em *controladores intimidadores e controladores manipuladores*.

A incapacidade de dizer não ao que é ruim traz consequências profundas. Ele não apenas nos impede de rejeitar o mal em nossa vida, mas

---

<sup>49</sup> MACKEOWN, 2015, p. 30.

<sup>50</sup> CLOUD; TOWNSEND, 2000, p. 57.

geralmente nos impede de reconhecê-lo. Muitos aquiescentes costumam perceber que têm um relacionamento perigoso e abusivo. Seu radar espiritual e emocional está quebrado.<sup>51</sup>

Vanier cita Scott Peck:

O que é mentira, é irreal. Quanto mais vemos a realidade do mundo, mais estamos aptos a lidar com ele. Quanto menos vemos a realidade do mundo (porque nosso espírito está obscurecido pela mentira, ideias falsas e ilusões), menos seremos capazes de determinar a linha de conduta que convém e de tomar decisões sábias.<sup>52</sup>

A experiência do essencial é uma teoria que viaja na contramão das principais rodovias duplicadas desta vida. Não foi fácil para Cristo ter colocado em prática sua decisão de viver com o essencial. Ele chocou os seus ouvintes quando disse: “As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça” (Lc 9.58). Contrastando com o modo simples vivido por Cristo que direcionou os olhos dos homens em seus dias na direção de um Reino Superior, não de materialidade ou utopias, mas de esperança e espiritualidade, Nietzsche também desconstruiu ao contrário de Cristo a crença numa esperança futura. Contudo, defendia a crença em ideais e sonhos numa dimensão real de tempo e lugar. Cristo defendia a desconstrução do império do pecado em suas diferentes formas de alienações. Nietzsche também defendia a desconstrução de um sistema dominante, mas exclusivamente voltado para o plano material e transitório.<sup>53</sup>

A teoria do essencial tem como base de argumentação afirmar que o consumo descontrolado e a busca indisciplinada por mais estabelece um ambiente carente de norteamento e bases sólidas, princípios que elevem o homem para cima e não para depressão e a falta de esperança. O consumo como alvo na vida solapa a crença na esperança, seja baseada no contexto dos ensinamentos de Cristo ou na apologia nietzschiana de ideais presentes. Bauman enriquece este argumento quando faz alusão ao consumismo como instrumento de desconstrução.<sup>54</sup>

O advento do consumismo solapou a credibilidade e o poder de persuasão. [...] Num ambiente desregulamentado e privado que se concentra nas preocupações e atividades de consumo a responsabilidade pelas escolhas,

<sup>51</sup> CLOUD; TOWNSEND, 2000, p. 53.

<sup>52</sup> VANIER, 2006, p. 262.

<sup>53</sup> FERRY, 2007, p. 33.

<sup>54</sup> BAUMAN, 2008.

as ações que seguem a tais escolhas e as consequências dessas ações caem sobre os ombros dos atores individuais.<sup>55</sup>

A desconstrução a que se propõe a teoria do essencialismo não constitui uma tarefa fácil. Carl Jung fala de “arquétipos”, imagens que são idealizadas, seja por apologia à riqueza ou a qualquer outro tipo plantado. Os arquétipos incluem conceitos como o “velho sábio”, a “grande mãe”, o “herói”. Ele defende a presença interior em cada ser humano de uma “anima” e de um “animus”. A idealização que o indivíduo faz de pessoas ou de coisas passa a exercer influência internalizada. Isso pode influenciar o comportamento individual.<sup>56</sup>

As educadoras Nolte e Harris explicam como um indivíduo é influenciado sobre valores que as pessoas atribuem a bens materiais. Elas apresentam a história da compra do primeiro carro novo da família. De como todos se uniram para cuidar da nova aquisição. Tão exarcebada era o cuidado que nem mesmo as crianças alimentaram-se dentro do veículo. Um dia chegou à garagem do vizinho um modelo novo com um preço menor. A informação deixou o proprietário muito triste e decepcionado. As autoras afirmam que o pai não lavava mais o veículo e pouco a pouco ele foi deixado perdendo sua importância. As crianças perceberam o comportamento do pai. Não davam mais importância, e passaram a comer salgadinhos e a tomar refeições no interior do veículo. As autoras afirmam: “A atitude do pai afetou não somente seu próprio bem-estar como o de sua família. Ele passou para as filhas a mensagem de que o valor pessoal depende de propriedade e posses”.<sup>57</sup>

A cultura do essencial é o contraponto ao estilo de consumo extravagante e desnecessário. O abuso do tempo e do excesso conspira contra o essencial. MacKeown em seu contraponto à lógica do imediatismo e da posse afirma que a clara distinção entre “muitas” e “poucas” coisas estabelece o divisor dos extremos entre a tensão e o estresse e a tranquilidade e a paz, o que diferencia o não essencialista do essencialista. Ele deixa claro que existe um abismo enorme entre as “muitas coisas triviais” e as “poucas coisas vitais”.<sup>58</sup>

---

<sup>55</sup> BAUMAN, 2008, p. 116.

<sup>56</sup> HURDING, Roger F. *A Árvore da Cura: Modelos de Aconselhamento e de Psicoterapia*. Trad. Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 95.

<sup>57</sup> NOLTE; HARRIS, 2009, p. 48.

<sup>58</sup> MACKEOWN, 2015, p. 52.

George Orwell criou um personagem representado por um cavalo a quem chama de Boxer. A sua marca é trabalhar duro. Seu lema é resolver todos os problemas da fazenda. Ele vive fiel à sua filosofia de vida. Mas um dia, “exausto” e “alquebrado”, foi convidado a deixar a fazenda e ir para o matadouro. Boxer é um personagem trágico apesar das suas melhores intenções.<sup>59</sup>

Comentando Ferran Adrià, um dos melhores chefes de cozinha do mundo, Greg MacKeown destaca o fato dele ter colocado o El Bulli a receber cerca de 2 milhões de pedidos de reservas por ano. Este restaurante recebe apenas 50 clientes por noite e fecha durante seis meses no ano. Para o autor nós fomos recompensados no passado por “fazer mais... e mais e mais”.<sup>60</sup>

## 2.2 Fundamentos do essencial

### 2.2.1 A desimportância dos excessos

Os seres humanos ao longo da história e acossados por suas necessidades essenciais, ainda não perceberam que a vida é muito simples e menos exigente do que se imagina. De tudo que é oferecido, a vida não passa de abusos e excessos. O grande pensador de seu tempo, o Senhor Jesus, nunca incentivou os seus ouvintes a correr contra o tempo em busca de bens perecíveis, mas ensinou exaustivamente a eles a não colocar sua expectativa de vida em torno do transitório e do perecível. Ele advertiu certa ocasião: “Por isso, vos digo: não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou de beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mas do que as vestes?” (Mt 6.35).

De fato, o grande mestre do cristianismo deu em linhas gerais os principais fundamentos do que é essencial à vida de uma pessoa. Sua advertência soa como uma voz dissonante à cultura consumista em nossos dias. Vê-se diariamente um bombardeio de estímulos visuais e auditivos com a finalidade única de catalisar mais e mais candidatos a fila de cadastros de fieis consumidores. A assombrosa criatividade para aliciar consumidores não para de crescer. Nos hipermercados em cada seção há alguém carismática, treinada para atrair alguém para degustar

---

<sup>59</sup> MACKEOWN, 2015, p. 50.

<sup>60</sup> MACKEOWN, 2015, p. 51.

produtos novos e concorrentes no mercado. Boff alerta para o fato de que o consumo é um jogo de uns contra os outros, algo perceptível:

O que triunfou nos últimos séculos, em todas as sociedades mundiais, foi o desejo mimético, a relação de concorrência e de competição de todos contra todos. Está é lógica da macroeconomia mundial e do mercado: o império do desejo orientado ferozmente pela competição. A consequência é perceptível, com características de perversidade: mais da metade da humanidade sofre na marginalização e na exclusão.<sup>61</sup>

BOFF expõe o homem como um ser de desejo, mais que outros seres. Por um fenômeno quântico, é imponderável, um vulcão de energias em ebulição constante. Para ele o desejo humano é diferenciado, desproporcional e ilimitado. Porque, segundo o autor, ele deseja apenas isso ou aquilo, ele deseja tudo. Desejamos o segredo da eterna juventude, desejamos ser Deus (Gn 3.5).<sup>62</sup>

Num mundo dominado por excesso de um lado e escassez do outro é de suma importância entender e dominar a arte de saber atribuir importância ao que é vital e dar menos importância para o que é trivial. A materialidade associado à apologia do enriquecimento coloca demasiada importância na obtenção de bens materiais ao ponto de tornar essa meta de consumo sua religião e estilo de vida material. A manipulação mental em busca pelo "ter" em substituição ao "ser" cria uma mentalidade de valorização voltada exclusivamente para o mundo material e seus prazeres hediondos. Segundo Hengel, a utilidade do objeto é ser "algo penetrado pelo olhar", ou ser para o outro.<sup>63</sup>

Os defensores que preconizam o bem-estar dos seres humanos com base na busca por melhorias de vida baseado no conceito da obtenção de bens materiais pregam um engodo que definitivamente nunca satisfará o homem plenamente. Bauman vê o desejo humano como algo insaciável. Destaca a "instabilidade dos desejos" e a "insaciabilidade das necessidades". Este paradoxo humano é motivado pela crença na teoria da prosperidade e devoção que ele atribui aos objetos do desejo adquiridos.<sup>64</sup> Bauman entende que os consumidores, os que buscam a satisfação nos templos do consumo, são momentaneamente alimentados pelos

---

<sup>61</sup> BOFF, Leonardo. *O Senhor é meu pastor*. Rio de Janeiro: 2004. p. 54-55.

<sup>62</sup> BOFF, 2004, p. 53.

<sup>63</sup> HENGEL, 2002, p. 21.

<sup>64</sup> BAUMAN, 2008, p. 45.



efeitos da droga do prazer. Quando seus efeitos perdem a sua eficácia, perdem a sedutora euforia e caem no que o autor chama de “insatisfação”.<sup>65</sup>

O argumento proposto pelo essencialismo no tocante a desmaterialização e o excesso de tudo que é trivial, está na contramão do mundo moderno. O sonho de uma sociedade mais humana e solidária fica mais distante à medida que os seres humanos buscam cada vez mais a benção nos templos da satisfação imediata, mas transitória. O mito proposto pela plenitude do prazer hediondo e capitaneado por um sofisticado grupo de vendedores de ilusões afasta cada vez mais os indivíduos de Deus e dos valores relacionais.

A possibilidade de povoar o mundo com gente mais afetuosa e induzir pessoas a terem mais afeto não figura nos panoramas pintados pela utopia consumista. As utopias privatizadas dos *cowbóis* e *cowgirls* da era consumista mostram, em vez disso, um “espaço livre” (livre de mim, é claro) amplamente estendido; um tipo de espaço vazio do qual o consumidor líquido-moderno, inclinado a performances-solo, e apenas a elas, sempre precisa de mais e nunca tem bastante.<sup>66</sup>

Paulo Meneses explica que as coisas valiosas não podem ser medidas por sua utilidade, mas são validas “*em si e por si*”.<sup>67</sup>

Eckhart Tolle afirma a palavra identificação deriva do latim “*idem*”. De fato, ele está afirmando que quando o indivíduo dota de sentido alguém ou coisa, então essa pessoa ou essa coisa passa a fazer de minha identidade. Virginia Satir afirma que quando o indivíduo se transforma em explorador a seu próprio serviço, quebram-se as muralhas de nosso cárcere emocional então possibilitamos o domínio ou crescimento de nossas intenções. Para Xavier Guiz a sociedade é uma legião de homens e mulheres que exploram o bom e evitam o mal.<sup>68</sup> Buscam a todo custo o prazer e evitar o sofrimento. Entregam-se ferozmente ao “*prazer imediato, à compra compulsiva, à sublimação do ócio*”. Tudo segundo ele passa pelos sentidos e pelas emoções.

O filósofo grego Epicuro afirmou que “*Nada é suficiente para quem o suficiente é pouco*”. Logo, a ilusão, uma de nossas maiores forças internas, não pode se transformar em obstinação, impulsividade ou ilusionismo.<sup>69</sup>

---

<sup>65</sup> BAUMAN, 2008, p. 63.

<sup>66</sup> BAUMAN, 2008, p. 68.

<sup>67</sup> MENESES, 2002, p. 23.

<sup>68</sup> GUIZ, Xavier. *Ser ou não ser*. São Paulo: 2008. p. 111

<sup>69</sup> GUIZ, 2008, p. 114-115.

Cristo propôs aos seus discípulos um grande desafio – o de segui-lo. Mas não deixou de adiantar algo que chocou a mente deles naquele momento. Ele perguntou: “Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca de sua alma?” (Mt 16.26). A proposta de Cristo é um extraordinário convite para refletir sobre a ânsia da extravagância e ou por um modelo essencialista.

### *2.2.2 Tomada de consciência*

Toda real mudança na vida de uma pessoa passa necessariamente por uma tomada de consciência profunda. É somente a partir de análises e reflexões que o indivíduo chega a deparar-se com a realidade concreta com a qual ele se defronta. Esse processo é indispensável para que uma pessoa estabeleça níveis de comparações entre aspectos que estejam sob o crivo de uma avaliação. Cristo afirmou: “Conhecereis a verdade e ela vos libertará.” (João 8.32).

Para MacKeown, o despertar para o que é realmente importa passa por alguns insights indispensáveis, sem os quais não haverá nenhuma tomada de consciência.

#### *2.2.2.1 Excesso de opções*

A cada momento há um aumento exponencial de opções relativos a tudo. O indivíduo vive sufocado com este leque excessivo de oportunidades que dificultam na vida pessoal de uma pessoa alimentar um foco e prioriza-lo de forma consciente. Greg MacKeown faz referência ao comentário de Peter Drucker sobre a avalanche de informações e desafios novos no mercado dos talentos. Drucker afirma que no futuro os historiadores não vão fazer referencia a tecnologia como o marco de grandes transformações, mas a mudança excessiva da condição humana.<sup>70</sup>

Bill Martin cunhou o fenômeno comum em nossos dias chamado “empilhamento vertical”, para armazenar os modismos musicais que surgem a cada dia. O aumento excessivo de invenções, tecnologias, áreas de conhecimento, tudo isso é uma avalanche que desafia a mente das pessoas para condensar todo este volume de opções.<sup>71</sup>

---

<sup>70</sup> MACKEOWN, 2015, p. 23.

<sup>71</sup> BAUMAN, 2008, p. 56.

Bauman apresenta a vida melancólica a qual ele refere como *homo consumens*. Uma figura humana com desejos de curta duração. Um companheiro do tédio.<sup>72</sup>

Muitos milhões de mulheres que agora jogam fora o bege para encher suas *necessaries* de cores vivas provavelmente diriam que mandar o bege para a lata de lixo é um efeito colateral triste, mas necessário, da renovação e do aperfeiçoamento da maquiagem, e um sacrifício triste, mas inevitável, que deve ser feito para se acompanhar o progresso.<sup>73</sup>

Para que o fundamento do essencial seja efetivo, Greg MacKeown defende a filtragem do excesso de opções. A consciência de que não há disponibilidade de tempo hábil para atender o excesso de opções e falta de recursos. O melhor é filtrar e administrar o essencial. O excesso na visão do autor possibilita a distorção do foco e estressa o indivíduo que não consegue atingir suas metas.

Boff, escrevendo sobre os delírios do desejo humano, afirma que o mesmo confronta com muitos objetos desejáveis.<sup>74</sup> Ele parte da premissa que os mesmos têm suas solicitações, confundindo a cabeça do indivíduo. O desejo em sua opinião é mal administrado pelos seres humanos que não sabem desejar. Quanto a esse respeito Tiago o apóstolo de Jesus também opinou nas seguintes linhas: “Cobiçais e nada tendes; matais, e invejais, e nada podeis obter; viveis a lutar e a fazer guerras. [...] Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres” (Tg 4.2,3).

Boff vai além quando afirma que o desejo na maioria das investidas não ocorre por definir um objeto, mas por imitação. O indivíduo é bombardeado mais pela influência do que a maioria está usando de que por definição e busca individual. Ele comenta o pensamento de René Girard que define esse comportamento como “desejo mimético”. Segundo Girard esta forma explícita de incorporar o desejo pelas mesmas coisas cria o ambiente de rivalidade e concorrência.<sup>75</sup>

A pressão exercida de maneira esmagadora sobre a mente e o emocional humano pelos setores estressores, contribui de forma exponencial para deixá-lo confuso e vulnerável a acreditar que tudo é possível. “Que querer é poder”. Swenson aconselha que nunca em hipótese alguma, um indivíduo esteja submetido a um estilo de vida que o esprema de fora para dentro. Para o autor não é sensato aceitar

---

<sup>72</sup> BAUMAN, 2008, p. 127.

<sup>73</sup> BAUMAN, 2008, p. 125.

<sup>74</sup> BOFF, 2004, p. 54.

<sup>75</sup> BOFF, 2004, p. 54.

passivamente uma carga que esteja acima dos limites por manipulação ou por intimidação.<sup>76</sup>

Vivemos numa sociedade que é generosa em prodigalizar uma enorme variedade de opções e atrativas formas de usufruir o prazer. Contudo, é necessário ter bom senso para entender e aplicar a máxima que o apóstolo Paulo ensinou: “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convêm” (I Cor 6.12).

A maioria de nós tem de lidar com inúmeras influências e pressões que a sociedade impõe. Antes de mais nada, precisamos tomar consciência de que temos mais controle sobre essa situação do que imaginamos. Nunca devemos submeter nossa vida aos caprichos deste mundo, que são imprevisíveis, ditados pelo consumismo, espiritualmente errados e, muitas vezes, cruéis.<sup>77</sup>

#### 2.2.2.2 Excesso de assédio midiático

A sociedade do século XXI é uma das mais barulhentas de todos os tempos. O barulho de máquinas, o ronco dos motores dos automóveis aos milhares, a poluição sonora em todas as partes, constitui a era das poluições a partir de várias ramificações e seguimentos do progresso e da globalização.

A poluição visual também é um dos seguimentos dessa economia do lucro. Ela também contribui para que haja uma sobrecarga das agências de publicidade com imagens associadas a todos os tipos de apelos aos sentidos das pessoas. Percebe-se que por trás desse clima de apelação existe um claro interesse em desconstruir paradigmas e o conservadorismo de uma sociedade pluralista é dominada por diversidade cultural e étnica. Existe na sociedade uma variedade muito grande de religiões, política e social que precisam ser esmagadas sob o rolo compressor do assédio sistemático e diversificado por meio dessa avalanche midiática a serviço do capitalismo do lucro. Esta cultura poluída por um seguimento interesseiro está infiltrada nas produções de grandes séries, em filmes estritamente elaborados para cultivar no inconsciente coletivo as tendências de consumo e do estilo social do povo. Em cada produção que passa pela avenida da visão ou da audição encontra-se o símbolo e a mensagem subliminar.

Bauman tece uma crítica direta ao sistema que governa e que manipula o jogo de acordo com seus objetivos. Não há regras e nem escrúpulos, não há ética,

---

<sup>76</sup> SWENSON, 2001, p. 91.

<sup>77</sup> SWENSON, 2001, p. 89.

porque o que interessa são as jogadas que efetivamente vão produzir dividendos vultosos ao sistema. Ele contrasta nesse jogo a pessoa do jogador e o mundo que é o seu oponente.

No jogo, o próprio mundo é um jogador; e sorte e azar são apenas os movimentos desse mundo a jogar. No confronto entre o jogador e o mundo não há leis nem ilegalidade, ordem nem caos. Há apenas jogadas – mais ou menos inteligentes, astutas ou capciosas, inspiradas ou equivocadas. A questão é adivinhar as jogadas do adversário e antecipá-las, preveni-las ou adiantar-se a elas – para ficar “um à frente”. As regras que o jogador pode seguir podem ser somente informais, instruções heurísticas e não algorítmicas. O mundo do jogador é o mundo dos riscos, da intuição, das preocupações.<sup>78</sup>

Daniel Goleman não alivia as palavras ao afirmar que a intenção dos marqueteiros é descobrir como manipular e mobilizar o cérebro para jogar a isca certa, nas devidas proporções e assumir o comando da vontade da massa em benefício do lucro. Ele afirma que pesquisa de marketing descobriu que bebidas alcoólicas associadas ao lado de rostos sorridentes, influenciavam mais o consumo do que rostos carrancudos.<sup>79</sup>

A estratégia midiática exerce sua força por meio de sofisticadas técnicas de manipulação da vontade nos indivíduos expostos aos efeitos sonoros, jogo de imagens que aliadas também a efeitos especiais cria na mente os arquétipos que posteriormente vão influenciar as pessoas na questão do consumo. Pessoas tendem a associar consumo com status. As pessoas querem a vitrine que as expõe perante os olhares dos admiradores. Este mimetismo é uma dos comportamentos do plágio e da corrida para chegar primeiro ao topo da ostentação. Boff comenta e amplia o argumento do poder da mídia em seu assedio incansável.

O sistema transforma tudo em mercadoria para ser desejada, desde sexo, entretenimento, ciência, até religião. [...] Por isso, o objeto assume características religiosas, irradia força benfazeja, funciona como um sacramento que produz, por sua simples posse “*ex opere operato*”, felicidade e melhoria do status social.<sup>80</sup>

Para Greg MacKeown viver no meio de um fogo cruzado onde os recursos dos indivíduos são disputados numa verdadeira guerra de assedio por consumo, é importante ter disciplina e austeridade para “reduzir”, “simplificar” e “focalizar”. Indivíduos passivos e aquiescentes nestes quesitos são a prova clara de que a

<sup>78</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Vidas Fragmentadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. p. 135.

<sup>79</sup> GOLEMAN, 2013, p. 39.

<sup>80</sup> BOFF, 2004, p. 55.

alienação é a causa para que o consumismo exista como regra e não como exceção. A chave para abrir a porta do cárcere do consumo não essencial não acontecerá na vida das pessoas, enquanto elas não perceberem que um comportamento consumista é um modelo extravagante, acumulador de resíduos desprezados, num círculo interminável na vida. Ele explica que um essencialista cuidadoso quanto à necessidade de consumo, nunca esquece as perguntas básicas as quais devem ser respondidas com consciência e racionalidade: “Eu realmente tenho necessidade que justifique fazer este investimento?”, “Uso isso com frequência?” “Está me fazendo falta?”. Se sua resposta for não, eis um candidato à eliminação.<sup>81</sup>

O assédio consumista é uma ferramenta muito bem executada e altamente perigosa para desconstruir o sensato viver sob o domínio do essencial. Cristo em seus dias se deixou conduzir por um estilo de vida estritamente baseado no essencial. Ele disse: “Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza; porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui” (Lc 12.15). O contraponto de seu ensino neste contexto a extravagância e a acumulação desmedida tinha endereço certo. Em sua mente e diante de seus olhos estavam as multidões formadas por pessoas despojadas e desprezadas. Muitas delas marginalizadas pela absoluta falta de justiça social e o olhar comunitário em favor dos menos favorecidos. Enquanto no topo da pirâmide social, estavam os que acumulavam bens materiais, prata e ouro, embaixo se acotovelavam os que esmolavam um pouco de dignidade e oportunidade.

Como afirma Martin Heidegger em seu famoso *Ser e tempo*: “Do ponto de vista existencial, o cuidado se acha *a priori*, antes de toda atitude e situação do ser humano, o que sempre significa dizer que ele se acha em toda atitude e situação de fato”. Leonardo Boff afirma que o que se opõe ao descaso e o descuido é o cuidado.<sup>82</sup>

Heidegger afirma que o cuidado significa um fenômeno “ontológico – existencial básico”.

---

<sup>81</sup> MACKEOWN, 2015, p. 25-26.

<sup>82</sup> BOFF, Leonardo. *Saber cuidar*. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 38.

### 2.2.2.3 A ideologia da posse e poder

A questão da posse é uma ideologia dominante desde os primórdios da história da humanidade. A ideia de tudo está ao alcance da mão não é nova. A serpente despertou em Eva no jardim, um sentimento fantasioso e desnecessário que não existia. Deus disse que eles podiam comer de todas as árvores do jardim (Gn 2.15-17). Apenas uma era vedado o acesso e a manipulação ao bel prazer deles. A falácia na argumentação da serpente não ocorreu no campo do que é essencial, mas na apelação de seu livre arbítrio para consumir o que ela desejasse. O desejo por mais do que de fato é essencial é consumismo. Zygmunt Bauman, comentando as baixas colaterais do consumismo, afirma que isso é o resultado produzido no indivíduo moderno. Ele destaca este sintoma como “estar entediado”. Ele atinge a raiz do problema e afirma:

“Estar entediado”, além de fazer a pessoa sentir-se desconfortável, está se transformando num estigma vergonhoso, testemunho de negligência ou derrota que pode levar a um estado de depressão aguda, assim à agressividade sócio e psicopática.<sup>83</sup>

Para o sociólogo Bauman, a modernidade tem como característica básica dois aspectos: transcendência ou modificação e ação ou preocupação com mudanças. Para ele, esta transcendência não era necessariamente para tornar as coisas melhores, mas mais do que isso, construir a ideia de que no fundo as coisas não estão boas o suficiente. “A felicidade é uma fuga da insatisfação”. Quanto mais o indivíduo afasta as coisas de si, menos autoridade estará inclinado a conceder.<sup>84</sup>

Ideologias são colocadas em nosso tempo para que as barreiras sejam quebradas, regras transgredidas com o intuito de manter a submissão sob a égide do poder. Bauman cita o pensamento de Krzysztof Pomian onde o mesmo afirma que o “habito” adquirido logo se transforma em compulsão e única forma aceitável. As civilizações modernas criam as barreiras e regras e o propósito de transcender e legitimar como o imperativo de deslegitimar.

Para Patrice Rollan, o mundo deixado para trás em questão de transgressão, é o que legitima o poder. Ele enxerga uma cultura totalitária que constrói numa plataforma vazia.

---

<sup>83</sup> BAUMAN, 2008, p. 165.

<sup>84</sup> BAUMAN, 2011, p. 222.

A lógica que predomina na cultura e encarnada no inconsciente humano é que no fundo: “os fins, justificam os meios”. Onde a sensatez orquestrada pelo essencial, o transcender com a clara intenção de mudar é uma clara manipulação do poder não ideal para a sociedade. Citando Yi-Fu Tan, Zygmunt Bauman destaca: “A remoção – o encarceramento, o banimento, a destruição – é a forma que a transcendência assume quando aplicada àqueles que se recusam (ou os quais se recusa a dar permissão para) a participar”.<sup>85</sup>

Na ótica da perspectiva moderna o poder é a força que move o mundo. Esse aspecto tão ansiado pelo homem torna-o obcecado por tê-lo sob o seu controle. Ele faz parte das convenções de forças que o impele a trocar o essencial pelo poder e o consumo. O fascínio pelo egotismo move os indivíduos a um narcisismo patológico e ilhado. Ferry analisa esta questão de profunda complexidade e afirma que esse fascínio foi também uma das características que dominou os séculos XIX e XX.

Os papéis sociais e familiares, afinal, estavam ainda fixados, ou mesmo naturalizados, isto é, percebidos como traços da natureza e não como resultados da história: as distinções de classe e sexo – para não falar das diferenças étnicas, apesar de fragilizadas em seus direitos e questionadas enquanto princípio. [...] A civilização, no singular, sendo óbvio que ela era prioritariamente europeia, branca e masculina.<sup>86</sup>

Luc Ferry não esconde sua preocupação com a formatação e a manutenção de setores globalizados que estão impondo um modelo totalitário e que governo nenhum consegue deter. Ele amplia sua argumentação afirmando:

A nuvem de Chernobyl não parou, por algum milagre republicano, nas fronteiras da França. Os processos que comandam o crescimento econômico ou mercados financeiros, por sua vez, não obedecem mais ao ditame de representantes do povo, incapazes de manter as promessas que gostariam de fazer.<sup>87</sup>

### 2.3 O que é essencial

A arte de escolher, decidir ou selecionar não é uma tarefa fácil, pois é regido pelas emoções. Embora os dois extremos necessitem andar lado a lado, não é sábio e nem prudente adotar o posicionamento do meio. Para as pessoas aquiescentes esta é uma tarefa muito dolorosa. Ter que eliminar entre duas coisas que possui designer arrojado, mas diferente um do outro, cores transadas, mas cada um na

<sup>85</sup> BAUMAN, 2008, p. 122-123.

<sup>86</sup> FERRY, 2007, p. 49.

<sup>87</sup> FERRY, 2007, p. 51.



sua. Aromas diferentes são na verdade, um grande dilema doloroso para ser resolvido na cabeça de indivíduos não seletivos e essencialistas.

O que é de fato essencial? Esta é uma questão um tanto subjetiva, se considerarmos as devidas proporções, as necessidades de cada indivíduo. Não há como nivelar por baixo ou por cima o essencial para cada pessoa, sem levar em consideração o limite de cada um(a). Contudo, a pesquisa tem como alvo destacar o essencial no tocante ao aspecto do consumismo e nas armadilhas que embaraçam a vida das pessoas em função da falácia de que tudo é possível. Eu creio, logo, posso obter. Paul Tournier afirma que a discrepância com relação aos limites de ter, do sim e do não tem sua origem na infância e ao longo da vida. Muitos dos arquétipos que carregamos e com os quais nos identificamos para agir como agimos tem sua origem em nosso passado. Ele afirma:

Desde a nossa infância nos apresentam e nos inculcam este slogan. (A vida é uma luta). Por outro lado, é por isso que nunca se entende a luta consigo mesmo, mas sim a luta contra os outros. Isso começa na escola, que cultiva o individualismo que não se detém diante das dificuldades, que leva cada aluno a medir constantemente a sua "força", em cada campo de atividade e de estudo, em relação à de seus colegas; que condena aquele que ajuda um colega a falsear a correlação das forças.<sup>88</sup>

Para poder descobrir o essencial para aplicar a vida diária é preciso observar alguns pontos importantes para ajudar reconhecer a necessidade daquilo que nos propomos e de tudo que somos desafiados:

### *2.3.1 Enxergar o panorama em sua amplitude*

Existem dois perigos extremos para quem necessita executar uma tarefa ou decidir em favor de alguma coisa: Enxergar as oportunidades e os desafios com um olhar de superpoderes. Observar o todo, coletar dados sobre o desafio e definir com clareza o que pode consolidar com competência. A diferença entre ambos está naquilo que é essencial e na competência pessoal. Stephan Covey define competência como a capacidade de ver o quadro geral com todas as partes e sua correlação entre si.<sup>89</sup>

---

<sup>88</sup> TOURNIER, Paul. *Mitos e Neuroses*. Viçosa: Ultimato, 2002. p. 122.

<sup>89</sup> COVEY, 2005, p. 149.

Greg MacKeown, ao comentar sobre o panorama no seu todo, afirma que este aspecto é muito importante para quem não quer ser pego de surpresa. Não imitar os que apenas enxergam os pontinhos de seus interesses.

Ao se exercitar para procurar o “lide”, você perceberá que é capaz de enxergar o que estava deixando passar. Será capaz de fazer mais do que apenas ver os pontinhos de cada dia: conseguirá também ligá-los e perceber as tendências. Em vez de apenas reagir aos fatos, conseguirá focalizar as questões maiores que realmente importam.<sup>90</sup>

Daniel Kahneman trabalha o mecanismo da mente quanto à forma de pensar rápido e devagar. Seu argumento principal é que este esquema se divide em rápido para conclusões imediatas e devagar para o raciocínio lento ou racional. É importante parar para observar que as decisões sem uma análise confiável. Para entender o cerne do essencialismo é preciso atentar para o que ele explica.

Nem todos os quadros são iguais, e alguns quadros são claramente melhores do que? modos alternativos de descrever (ou de pensar a respeito de) a mesma coisa. [...] Pessoas que veem uma versão do problema chegam a conclusões diferentes.<sup>91</sup>

Os argumentos para fundamentar a necessidade de ampliar a visão panorâmica passa necessariamente por aspectos vários que devem ser considerados. Daniel Kahneman afirma que as experiências de um momento não podem representar um valor seguro de felicidade para um indivíduo. Seu argumento mostra que existe sempre a possibilidade de haver frustrações, sempre que decisões impulsivas, baseadas no nível um ou quando se baseia num quadro reduzido de satisfação. Mas também podem ocorrer precipitações num quadro isolado de emoções negativas.<sup>92</sup> Kahneman explica que as variações humor de um indivíduo em dado momento depende de seu temperamento e do momento. Ele inevitavelmente muda, isso explica a razão para equívocos, arrependimentos e sobretudo, neste contexto.

### 2.3.2 Manter o foco

O foco não é uma especialidade para quem não domina a atenção. Pessoas perdem o foco por conta de pequenas distrações em relação ao que é prioritário e

---

<sup>90</sup> MACKEOWN, 2015, p. 84.

<sup>91</sup> KAHNEMAN, 2012, p. 464.

<sup>92</sup> KAHNEMAN, 2012, p. 491.

que requer do mesmo uma atenção especial. Para um essencialista esta questão é de fundamental importância. Foco é uma das ferramentas mais importantes para quem tem alvo e metas a cumprir. O indiano Neem Karoli Baba faz uma afirmação muito interessante. Ele afirma que nós podemos fazer planos para cem anos, mas é incompetente para saber o que irá acontecer no instante seguinte. Sem foco o indivíduo não tem direção planejada a seguir. Qualquer roteiro serve.<sup>93</sup>

Foco é exatamente o que afirma Daniel Kahneman sobre aquele que tem o olho fixo no placar. Ele explica em linguagem simples a moldura que orienta aquele que espera o resultado ao que propôs, sabendo que o placar demonstra como um diagnóstico, o resultado e o tempo gasto para produzir o tal resultado. Suas palavras são as seguintes:

Para um bilionário que procura ganhar um bilhão a mais, e na verdade até para o voluntário de um experimento de economia que busca um dólar extra, dinheiro é um substituto para pontos em uma escala de autoimagem e realização. Estas recompensas e punições, promessas e ameaças estão todas em nossa cabeça. Mantemos os olhos zelosamente nesse placar.<sup>94</sup>

O foco é para o essencialista o que a bússola é para o polo. Ele ajuda o indivíduo a enxergar o alvo e prescindir de todas as demais ofertas vantajosas e alvissareiras como pareça ser e fixa o seu olhar no único alvo que lhe interessa. Cristo ensinou que “ninguém pode servir a dois senhores”. O essencialismo propõe que nunca o indivíduo fique dividido entre dois alvos. Que faça exatamente o que propôs o apóstolo Paulo para seus ouvintes: “Prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Fl 3.14). Greg MacKeown esclarece que não é possível se concentrar em duas coisas.

O que não conseguimos fazer é concentrar em duas coisas ao mesmo tempo. Quando falo sobre estar presente, não falo de fazer só uma coisa de cada vez. Falo de manter o foco numa coisa de cada vez. A multitarefa em si não é inimiga do essencialismo, fingir que podemos ter multifoco é.<sup>95</sup>

O foco é uma lente de longo alcance; é um instrumento especializado para conduzir o caçador a acertar o alvo traçado. Esta tarefa não permite divagações em direções que podem fazer o indivíduo errar o alvo.

---

<sup>93</sup> BABA, 2013, p. 143.

<sup>94</sup> BAUMAN, 2011, p. 429.

<sup>95</sup> MACKEOWN, 2015, p. 228.

## 2.4 Principais desafios do essencialismo

### 2.3.1 Produzir mais com ênfase na qualidade

Produtividade é na empresa e na vida pessoal dentre os aspectos essenciais um dos mais cobiçados dentre todos. Por trás desse desafio está a plataforma de produzir capital, seja nos aspectos humanos, do trabalho ou dos lucros. Através desse recurso de fenomenal importância a imagem empresarial ou do capital humano ganha notoriedade e confiabilidade entre a população. Os meios para alcançar esse objetivo são necessários? contar com o apoio irrestrito dos recursos, dos talentos, da competência e de uma visão técnica da utilização dos fundamentos do essencialismo.

Obviamente para que haja progresso e produtividade é necessário que o essencialista seja capacitado para criar e administrar previsões intuitivas. Setores tais como, economia, meteorologia, engenharia fazem previsões baseados em análises criteriosas por antecipação. Para Kahneman esta especialidade se dá de três maneiras objetivas:

Alguns julgamentos preditivos, como os que são feitos por engenheiros, apoiam-se basicamente em tabelas de dados, cálculos precisos e análises detalhadas de resultados observados em ocasiões semelhantes. Outros envolvem intuição e o sistema [...] Outras intuições, que às vezes subjetivamente são indistinguíveis da primeira, surgem da operação de heurísticas que com frequência substituem a questão mais difícil que foi feita por uma questão mais fácil.<sup>96</sup>

Tamara Sch?ambach Kano Myles, especialista em produtividade afirma que é necessário ter a capacidade e a competência para dominar os cinco passos da pirâmide proposta por ela em cinco níveis: primeiro para chegar à produtividade é “essencial” organização espacial. Segundo organização e disciplina eletrônica. Terceiro gerenciamento do tempo para fazer o essencial. Quarto saber alinhar atividade e objetivo. Quinto possibilidade.<sup>97</sup> A autora afirma que a produtividade é o resultado da capacidade para dominar os cinco níveis de desempenho do indivíduo. Contudo, é preciso, mesmo que ele tenha domínio dos níveis que esteja retornando a cada uma delas para evitar distrações. A possibilidade de retornar a velhos hábitos pode ocorrer.

---

<sup>96</sup> KAHNAMAN, p. 234-235.

<sup>97</sup> MYLES, 2011, p. 18.

Para Greg MacKeown outros inimigos prejudiciais à produtividade são os espaços que o gestor permite na execução da tarefa, Se houver permissão para espaços, os projetos e compromissos vão querer preencher e a produtividade fica comprometida pela presença e força de outros desafios de plantão. O autor lembra que é importante lembrar da importância de agregar ao estilo essencialista os seguintes aspectos:

- a) Preparação abrangente. Ser previdente nunca é demais. Estar preparado para se antecipar ao inesperado;
- b) Margem sobre todas as previsões. Trabalhar com previsão acima do estimado é uma jogada de uma mente sabia;
- c) Gestão de riscos. Os problemas são inevitáveis. Logo, é necessário que desenvolver a competência de gestão de riscos.<sup>98</sup>

#### 2.4.2 Remover mais

Greg MacKeown afirma que a produtividade no essencialismo não significa menos, mas mais com qualidade. Contudo, o autor defende o pressuposto de que produzir mais só é possível à medida que são removidos os excessos. Para ele quanto mais remover coisas de um projeto, mais oportunidade de produtividade. Ele lista três elementos essenciais: primeiro é necessário clareza da parte daquele de quem se exige o resultado. E aliado a este item o objetivo do que é essencial. Segundo ele destaca o caminho mais lento que compromete a busca por resultados. Terceiro tem ligação coma remoção dos obstáculos que travam o desenvolvimento de metas propostas.<sup>99</sup>

A capacidade para entender a diferença entre o que é essencial e o não essencial, segundo autor faz grande diferença. Com base nessa capacidade para distinguir entre os dois extremos, remover mais é uma ferramenta eficaz para eliminação de tudo que é supérfluo. De tudo que desvia atenção, que rouba energia e absorve tempo valioso. Citando Stephen Covey a autora Tamara Schwambach Kano Myles afirma: “Que diferença faz nos dedicarmos muito se o que estamos fazendo não é o que mais importa?”<sup>100</sup>

---

<sup>98</sup> MACKEOWN, 2015, p. 188-191.

<sup>99</sup> MACKEOWN, 2015, p. 198-199.

<sup>100</sup> MYLES, 2011, p. 81.

A autora faz referência ao princípio de Pareto que defendia a teoria da regra 80/20. Sendo que para cada 80% das atividades executadas havia um retorno de 20%. Logo, dos 20% empregados renderão 80% de resultados.<sup>101</sup> Neste caso, é muito importante que o indivíduo esteja atento à questão das prioridades que compõem as partes integrantes da tarefa a ser cumprida. E a produtividade será proporcional ao emprego de energia e na aplicação do que essencial.

Concentração no que é essencial, a remoção de tudo aquilo que leva ao desperdício de tempo, foco naquilo que não é essencial é um desperdício e desvio do objetivo da produtividade essencial.

---

<sup>101</sup> MYLES, 2011, p. 81.



## 3 EFEITOS COLATERAIS DO CONSUMISMO

### 3.1 Danos colaterais

Embora os termos “danos colaterais”, “baixas colaterais” e “vítimas colaterais, não sejam amplamente divulgados no contexto dos resultados do consumismo, eles não estão ausentes e muito menos danosos em seu diagnóstico na sociedade. Os conceitos listados são de autoria concreta, mas existem pressões para renomeá-las ou tentativas para justificá-las com o sutil pretexto de não intencionalidade. Como afirma o autor:

Embora com uma breve olhada para o fenômeno amplamente descrito das “consequências imprevistas” das ações humanas a “colateralidade” mude sutilmente a ênfase. O significado comum dos três conceitos listados acima é desculpar ações prejudiciais, justificá-las e eximi-las de punição com base na ausência de intencionalidade.<sup>102</sup>

Embora o consumo na sociedade seja aparentemente inofensivo, ele tem consequências variadas. O argumento do autor citado é de que os mesmos poderes que manipulam a mente dos consumidores são os mesmos que pressionam para escapar das ações da lei. A responsabilidade moral neste emaranhado confuso não é de ninguém. Fato que leva os consumidores a arcar com os prejuízos no final da linha. Num jogo onde os poderes são omissos e indiferentes às consequências na sociedade, esta por sua vez fica a mercê de sua própria sorte. Falta por vezes o guardião de seus direitos, de um poder que fiscalize e a defenda contra a ferocidade deste inimigo invisível e predador.

Este assunto já suscita em virtude de sua própria natureza polêmica a busca pelos responsáveis que normalmente são indivíduos sem face, não assume a responsabilidade civil. Estão sempre diluídos em meio à complexidade das corporações; ausentes para este tipo de responsabilidade moral. A sociedade padece de uma moralidade sem ética, típica de uma ordem governamental onde a voz de comando é o totalitarismo. O autor afirma com muita clareza que o resultado de uma moralidade sem ética conduz os direitos ao caos:

A sociedade, podemos dizer, é uma maciça operação de contínuo acobertamento. E, ainda assim, o melhor que essa fuga já conseguiu

---

<sup>102</sup> BAUMAN, 2008.



produzir foi uma fina película de ordem sempre perfurada, rasgada e redobrada pelo caos sobre o qual ele se estende: o caos “constantemente invade a imanência suposta – o dado, o familiar, o domesticado em aparência”.<sup>103</sup>

A sociedade, embora não perceba, as manobras e os discursos são criados com o objetivo de defender o indefensável. A sociedade sobrevive sob o teto de mentiras que se revestem de verdades absolutas, da prodigalidade do assistencialismo disfarçado de programas sociais. Acumulam-se diariamente montanhas de clemências e apelos por justiça num mundo dominador e acima de tudo explorador da subserviência humana. Citado por Zygmunt Bauman, George Orwell afirma:

Em nossa época, o discurso político é em sua maioria a defesa do indefensável. [...] A linguagem política – e, com variações, isso é válido para todos os partidos políticos, de conservadores a anarquistas - é destinada a fazer mentiras soarem como verdades e o assassinato parecer respeitável, assim como dar uma aparência de solidez àquilo que é puro vento.<sup>104</sup>

O argumento desenvolvido pelo autor denuncia com precisão a condição das manobras e dos discursos elaborados para manter a precariedade, transferir a responsabilidade. Tudo isso ocorre com a anuência de uma cultura de desconstrucionismo. Esse modelo mostra que a sociedade não dispõe de instrumentos para combater o imperialismo com sua ânsia por dominação e lucro. Esse esvaziamento no espaço democrático é responsável como escreveram os autores:

Esse esvaziamento do democrático, que é no fundo a anulação do político, é justamente o espaço onde se insere a possibilidade imperial. O democrático fica sem fundamento, passa a ser um significante vazio, fica sem ancoragem na realidade. O desconstrucionismo Pós-Moderno mostra a precariedade de qualquer referencia à realidade, e mais ainda a uma realidade transcendente.<sup>105</sup>

O dano colateral a que se refere o contexto refere e remete a questão crucial no idealismo do consumismo que tem em seu objetivo, único e exclusivamente manter seu poderio econômico em detrimento do bem-estar do consumidor final. Manter a sociedade cativa e dependente é a máxima desse poder manipulador. Dentre os malefícios que corroem a mentalidade e a disposição para sobrepor a este esquema ditatorial estão os seguintes:

<sup>103</sup> BAUMAN, 2011, p. 26.

<sup>104</sup> BAUMAN, 2008, p. 150.

<sup>105</sup> MIGUEZ; RIEGER; SUNG, 2012, p. 27.

### 3.1.1 A comodificação total do ser humano

A “comodificação”, termo cunhado para enfatizar o encaixamento dos indivíduos dentro de um modelo amoldurado por esquemas e pressões manipuladoras, manobras planejadas para modificar a própria subjetividade seja indutivamente levada a imaginar através do consumo a plenitude intrapessoal em busca de uma felicidade artificial produzida nos laboratórios para fazer o indivíduo acreditar e consumir descontroladamente em seu cotidiano. Citado por Bauman, J. Livingstone, afirma:

Tornou-se uma espécie de padrão ou modelo para a maneira como os cidadãos das sociedades ocidentais contemporâneas passaram a encarar todas as suas atividades. Já que [...] cada vez mais áreas da sociedade contemporânea são assimiladas por um “modelo de consumo”, talvez não seja surpreendente que a metafísica subjacente ao consumismo tenha se transformado, nesse processo, em uma espécie de filosofia-padrão de toda a vida moderna.<sup>106</sup>

Esta cultura malévola e indesejável, não perceptível, produz disfarçadamente uma espécie de permuta macabra. Ela não propõe soluções racionais, mas compensações para a ausência do lar por horas a mais para fazer frente à pressão do consumo. Dessa forma, resta ao indivíduo substituir o amor com presentes, a ausência do ambiente sagrado do lar com mais dinheiro a disposição para consumir. O resultado desse modelo engessado cultural e vicioso desemboca num oceano de frustrações e insatisfações. Relacionamentos com promessas vazias e descontextualizadas. Para fundamentar esta crise social imposta o autor acrescenta:

Podemos acrescentar que a nova separação espiritual e a recente ausência física do cenário do lar tornam os trabalhadores, homem e mulheres, impacientes com os conflitos, sejam eles grandes, pequenos ou simplesmente minúsculos e insignificantes, que se misturar sob um mesmo teto inevitavelmente provoca. [...] Como as habilidades necessárias para conversar e buscar entendimento estão diminuindo, o que costumava ser um desafio a ser confrontado de maneira direta e encarado se transforma cada vez mais num pretexto para romper a comunicação, fugir e queimar pontes atrás de si.<sup>107</sup>

A baixa percepção que a população consumidora tem em relação aos efeitos colaterais infiltrados em seus variados aspectos contribui de forma massiva para aumentar as diferentes crises que afetam a sociedade. Buscar pontuar um

---

<sup>106</sup> Apud BAUMAN, 2008, p. 152-153.

<sup>107</sup> BAUMAN, 2008, p. 153.

seguimento para justificar o esfacelamento desse tecido social, é como fechar os olhos a uma triste realidade que compromete o corpo social de forma generalizada. Por trás do chamado crescimento e o progresso existe disfarçado uma estrutura planejada para atender de forma unilateral um grupo sectário e oportunista.

O consumismo entre outros aspectos assume um tipo de comando que insere os indivíduos sob um tipo de nivelamento de carências e encaixados dentro de complexo modelo onde a moldura básica é manutenção dos caprichos e delírios de um grupo pequeno no topo da pirâmide social. O custo de manutenção de suas fantasias é muito elevado, cabendo o ônus dessa conta a classe dos que existem para produzir na sociedade. Como forma de compensação a classe produtora de bens de consumo e serviços recebe o direito de consumir os subprodutos e serviços disponibilizados de acordo com o nível da cada um. Este submundo com seu subdesenvolvimento é a esmola que o império impõe aos emergentes no mundo globalizado. Como afirmamos os autores:

A verdadeira rede que contém o império é a rede financeira internacional; a isso devem submeter-se povos e expectativas, culturas e nações. Por certo, como tantas vezes insistiram as correntes Pós-Modernistas, pós-marxistas e multiculturalistas, nem todos os antagonismos têm sua raiz e resolução na esfera econômica ou na “luta de classes”. [...] Nesse sentido, e também em outros, o império é “totalitário”.<sup>108</sup>

A sociedade capitalista tem sua principal arma de alienação humana na hierarquia do poder de influenciar e corromper. Essa sociedade corrompida tem o poder de manipular a mente dos indivíduos de acordo com seu ciclo sazonal de consumo. No verão ele explora o corpo e a beleza. Ai entram em cena as academias de plantão, as clínicas de estéticas e os fornecedores de produtos diversificados para atender a todas as demandas do público enfeitado consumidor. A arte de influenciar pessoas a fazer ou adquirir aquilo de que não necessita é uma manipulação covarde de um sistema interessado em conquistar cada centavo da população economicamente ativa.

O consumismo como ponto de debate encontra eco no contraponto daquilo que é essencial. Especialmente no tocante a questão desse tipo de engessamento totalitário imposto à vida das pessoas na comunidade. Esse tipo de constrangimento só é superado pelo equívoco de uma convocação para combater numa guerra de interesse privado, a revelia dos verdadeiros interesses da sociedade.

---

<sup>108</sup> MIGUEZ; RIEGER; SUNG, 2012, p. 29.

### 3.1.2 A sub-classe: o resíduo do consumismo moderno

Os danos colaterais estão presentes na trilha do crescimento econômico que é o sonho de um mercado de consumo nesta sociedade desenvolvida e contemporânea. Existe uma categoria formada por um grupo de indivíduos que são contados e classificados, diagnosticados e recomendados, para fazer parte do lixão do abandono como resíduo social. Entre estes está o grupo denominado de sub-classe. São os que sobrevivem à margem de tudo e de todos. São pessoas que foram sumariamente enviadas para compor essa classe do sub-mundo dos improdutivos aos interesses do império econômico. Bauman cita os comentários de Herbert J. Gans que identifica com muita clareza:

Essa definição comportamental denomina pessoas pobres que abandonaram os estudos, não trabalham e, caso sejam mulheres jovens, têm filhos sem o benefício do casamento e vivem da previdência social. A sub-classe comportamental também inclui os sem-teto, mendigos e pedintes, pobres viciados em álcool e drogas, além dos criminosos de rua. Como o termo é flexível, os pobres que vivem nos “conjuntos habitacionais”, os imigrantes ilegais e os membros de gangues de adolescentes também são muitas vezes classificados como sub-classe.<sup>109</sup>

Existe um tipo de egoísmo velado em nossa sociedade que ignora a escória que os ditadores dessa nova ordem fazem questão de enxergar. O resíduo existe e não há como negá-lo ou destruí-lo. Pelo menos em tese. Este grupo é fruto da avareza e de um modelo consumista que tem a população como um meio para justificar a finalidade desejada por este poder. Os guetos, bem como os andarilhos e pedintes nas ruas das grandes metrópoles são o sub-produto de uma sociedade de excludentes, de nítida avareza e desapropriação dos direitos igualitários entre humanos. Numa economia onde não existe uma distribuição de renda justa a sociedade produz o resíduo populacional de indivíduos carentes.

As sociedades no mundo, ricas ou pobres, não estão livres desta sub-classe. Ela existe como forma de denunciar que alguma coisa não está funcionando, que de alguma maneira o sistema está praticando algum tipo de injustiça social. Que há por um lado muita fartura e riqueza nas mãos de poucos e escassez e pobreza do outro em relação a muitos. Para enriquecer este argumento o autor afirma:

Desnecessários, indesejados, desamparados – onde é o lugar deles? A resposta mais curta é; fora de nossas vistas. Primeiro, precisam ser

---

<sup>109</sup> BAUMAN, 2008, p. 157.

removidos das ruas e de outros lugares públicos usados por nós, legítimos residentes do admirável mundo consumista. Se por acaso forem recém-chegados e não tiverem vistos de residência em ordem, podem ser deportados para além das fronteiras, e assim excluídos fisicamente do domínio das obrigações devidas aos portadores de direitos humanos.<sup>110</sup>

A falta de políticas públicas para enfrentar os desafios demandados pelos cidadãos na sociedade contribui para o aumento sistemático dessa população de indivíduos extremamente carentes e a mercê da própria sorte. Este tipo de resíduo nunca deixará de existir. Não enquanto o sistema que alimenta a ganância do império capitalista manter o foco a serviço de seus interesses.

O individualismo é perceptível numa sociedade que divide os que possuem dos que não tem nada para lhes representar. Os típicos valores dessa sociedade se baseiam em valores voláteis e não em riqueza imaterial como o amor, a esperança, a solidariedade e a compaixão. A disseminação exarcebada da tirania de esteriótipos são indícios fortes de uma cultura equivocada. Neste sistema de valores os que são menos favorecidos por falta de oportunidades ou por fatores diversos são literalmente varridos e empurrados para os obscuros lugares, e insólitos que acumulam milhões em seus guetos em cidades e mais cidades. O autor descreve como essa cultura cultiva estas classes de pessoas:

O individualismo conta com o melhor aliado: o sucesso individual. Já não se trata de viver de acordo com as aptidões pessoais, e sim do exagero das capacidades e dos méritos daqueles que se destacam em seus respectivos campos profissionais. O Homo culturalis, além de ser um showman, deve ser rico. Por isso, as pessoas triunfantes hoje em dia são aquelas que podem mostrar juventude, beleza, talento, e muito dinheiro.<sup>111</sup>

O consumismo criou um abismo nitidamente cultural e marcadamente segregador. Não há dúvida de que este divisor de águas encontra-se em franco desenvolvimento, em ritmo acelerado na década atual. Este estilo arrojado e frenético imposto como uma tirania ao cidadão é o que há de mais cruel, como afirma o autor:

Uma sociedade incerta acerca da sobrevivência de seu modo de ser desenvolve uma mentalidade de fortaleza sitiada. Os inimigos que cercam suas muralhas são seus próprios “demônios interiores”: a “anormalidade”, mas que, pra tornar suportável a realidade diária, devem ser esmagados e empurrados para fora da cotidianidade vivida e fundidos a um corpo

---

<sup>110</sup> BAUMAN, 2008, p. 161.

<sup>111</sup> GUIZ, Xavier. *Ser ou não ser*. São Paulo: 2008. p. 124.

estranho – um inimigo tangível dotado de um nome, um inimigo que se possa enfrentar novamente, e até esperar vencer.<sup>112</sup>

Os fatores consequentes do consumismo moderno têm implicações graves no tocante formação de insurgentes que além dos guetos acumulados tendem a crescer, a medida que a globalização do sistema econômico aumenta a distancia entre países ricos dos pobres, a medida que os países não conseguem zerar o déficit público, faltam recursos para administrar e os setores que mais ficam seriamente comprometidos são aqueles que abrem as portas para as populações carentes. Inevitavelmente o bolo cresce para quem especula com capital e diminui sensivelmente para quem não tem espaço para gerir suas necessidades mais básicas da vida. Esta população destacada aqui experimenta o saldo amargo da insuficiência. Desfruta com desencanto o sistema resolver os seus mais agudos anseios pelo mínimo com dignidade humana. O autor lembra que a sociedade enxerga os pobres de uma forma diferente:

Excluídos da comunidade humana, excluídos dos pensamentos do público. Sabemos o que pode vir em seguida quando isso acontece. Há uma forte tentação de se livrar de vez de um fenômeno rebaixado á categoria de incomodo absoluto, não compensado, nem mesmo aliviado, por qualquer consideração ética que possa ter para com um Outro prejudicado, ofendido e sofredor; de eliminar um borrão na paisagem, apagar um ponto sujo na tela agradavelmente pura de um mundo ordenado e de uma sociedade normal.<sup>113</sup>

### *3.1.3 O desemparelhamento e o desempoderamento repressivo*

Numa sociedade o viés é a concorrência e a produtividade para se lograr a lucratividade, não há espaço para aqueles que não conseguem satisfazer a lógica argumentativa desse poder dominante. O que conta nesse esquema de resultados não é a pertença, mas são os resultados. O jogo eletrizante com o qual os indivíduos deparam-se no cotidiano é marcado por essa dinâmica de produtividade e crescimento. Para o joguete econômico a ideia é a pressão para que haja mais. Sua filosofia consiste na premissa de mais produtividade, significa lucratividade para o setor empresarial.

A noção aqui desenvolvida tem relação com estratégias do sistema para que toda e qualquer possibilidade de enfrentamento ao sistema seja debelado pela força, em detrimento de direitos questionados pela classe em questão. Para este sistema a

---

<sup>112</sup> BAUMAN, 2008, p. 163.

<sup>113</sup> BAUMAN, 2008, p. 162.

política adotada é a que prevalece no ambiente social. Não é permitido aos litigantes contestar as formas como o sistema conduz o processo quanto aos seus direitos. Nesse contexto cresce a “guetização e o sofrimento”, imposta pela imposição dos comandantes deste sistema em plena atividade na sociedade. Como explora o autor ao afirmar que a criminalização, a severidade dos sofrimentos são um absurdo em execução:

[...] as margens criminalizadas servem, por assim dizer, como instrumentos de saneamento: os esgotos para onde são drenados os aflúvios inevitáveis, porém venenosos, da sedução consumista, de modo que as pessoas que conseguem se manter no jogo do consumismo não precisam se preocupar com o próprio estado de saúde.<sup>114</sup>

No exercício do desemparelhamento, o desempoderamento, a lógica que prevalece é de que os indivíduos são joguetes nas mãos daqueles que detém o poder. O surgimento desta sub-classe ganhou notoriedade com os argumentos de Gunnar Myrdal em 1963. Que por sua vez destacaria os perigos da desindustrialização.<sup>115</sup> A lógica argumentativa de Myrdal tinha sua fundamentação na *exclusão da classe produtiva* e um produto coletivo da lógica *econômica*.<sup>116</sup>

A retórica usada para justificar as noções de sub-grupo, de fatia da sociedade sem qualquer utilidade decorre de uma cultura voltada para o aniquilamento. Myrdal afirma que o ato de cercear a liberdade num sistema de fluxo livre, é totalmente inadmissível; contudo seria na mesma proporção inadmissível negar ou deixar de restringir aqueles que tinham nas mãos o poder de cercear a liberdade dos demais.<sup>117</sup>

### 3.1.4 A anormalidade que normaliza a pobreza

A sociedade moderna enfrenta obstáculos, dificuldades e conflitos que estão no entorno de sua circunferência de ação. Estes indigestos problemas de natureza gravíssima são aliados de uma subclasse de pobres que não o são por opção. Os sociólogos entendem que esta subclasse foi empurrada para fora das fronteiras da sociedade. O contra-senso das justificativas irracionais para definir a classe pobre, nunca mereceu um tratamento com seriedade para encontrar saídas concretas e

---

<sup>114</sup> BAUMAN, 2008, p. 168.

<sup>115</sup> BAUMAN, 2008, p. 168.

<sup>116</sup> BAUMAN, 2008, p. 168.

<sup>117</sup> BAUMAN, 2008, p. 173.

não medidas paliativas com efeitos programados para terminar. Bauman afirma que a incompetência para consumir conduz o indivíduo a ser banido para viver no gueto do abandono social:

[...] Além de viverem na pobreza, ou pelo menos abaixo do nível de prosperidade exigido, as pessoas classificadas como “subclasse” são condenadas à exclusão social e consideradas incapazes de se afiliarem a uma sociedade que exige que seus membros participem do jogo do consumismo segundo as regras estabelecidas, justamente porque são, tal como os ricos e abastados [...].<sup>118</sup>

---

<sup>118</sup> BAUMAN, 2008, p. 176.





## **CONCLUSÃO**

Concluo as reflexões da presente pesquisa destacando os pontos de relevância para o indivíduo na atual conjuntura social e moral. Considerando que a sociedade é constituída por um conjunto de indivíduos sob o guarda-chuva de sua proteção, a qual agrega seres humanos em sua complexa diversidade e pluralidade, a pesquisa pontuou em suas seções a importância das influências do fenômeno consumista e como ele afeta o comportamento humano, orquestrado pelo poder da mídia através de nossos sentidos. Não há dúvidas de que estas inferências não são benéficas para uma sociedade com nítidas características de desigualdades sociais graves.

Destacou-se o essencialismo como um contraponto ao consumo em demasia. Este por sua vez ofereceu seus fundamentos mostrando o quanto ser disciplinado e essencialista é importante para evitar o excesso e o desperdício, seja no tocante ao tempo ou administração de tudo que cerca o indivíduo como um todo. Por fim o destaque ficou por conta das consequências geradoras de problemas. As classes, os desânimos, os conflitos, as desigualdades.

Por fim a pesquisa dar-se por satisfeita, por ter explorado um tema relevante para a sociedade atual e por contribuir com as reflexões dos autores apresentados.



## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. *Medo líquido*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. *Vida para consumo*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. *Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna*. Trad. Alexandre Vieira Werneck. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BOFF, Leonardo. *O Senhor é meu pastor*. Rio de Janeiro: 2004.

\_\_\_\_\_. *Saber cuidar*. Petrópolis: 2013.

CAILLÉ, Alain. *Antropologia do dom: o terceiro paradigma*. Petrópolis: Vozes, 2002.

FERRY, Luc. *Aprender a Viver: Filosofia para os novos tempos*. Trad. Vera Lucia dos Reis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

GOLEMAN, Daniel. *Foco: a atenção e seu papel fundamental para o sucesso*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2013.

GUIZ, Xavier. *Ser ou não ser*. São Paulo: 2008.

HURDING, Roger F. *A Árvore da Cura: Modelos de Aconselhamento e de Psicoterapia*. Trad. Márcio Loureiro Redondo. São Paulo: Vida Nova, 1995.

KAHNEMAN, Daniel. *Rápido e devagar: duas formas de pensar*. Trad. Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

LAYARD, Richard. *Felicidade: lições de uma nova ciência*. 2008. Rio de Janeiro: Best Seller, 2006.

MACKEOWN, Greg. *Essencialismo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

MAYLES, Tamara Schwambach Kano. *Produtividade máxima*. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.

MESZAROS, Istvan. *A montanha que devemos conquistar*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MIGUEZ, Nestor; RIEGER, Joerg; SUNG, Jung Mo. *Para além do espírito do império*. São Paulo: Paulinas, 2012.

NOLTE, Doroty Law; HARRIS, Rachel. *As crianças aprendem o que vivenciam*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

PETERSON, Eugene H. *A maldição do Cristo Genérico*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

\_\_\_\_\_. *Espiritualidade Subversiva*. São Paulo: Mundo Cristão, 2009.

RESENDE, André Lara. *Devagar e simples*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ROBERTS, Russ. *Como Adam Smith pode mudar a sua vida*. Rio de Janeiro: Sextante, 2014.

SWENSON, Richard A. *Como conviver com bem com as pressões*. Belo Horizonte: Betânia, 2001.

TOURNIER, Paul. *Mitos e Neuroses*. Viçosa: Ultimato, 2002.

VANIER, Jean. *Comunidade lugar do perdão e da festa*. São Paulo: Paulinas, 2006.